



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Serviço Social

Centro de Convivência em Foco:
Uma proposta de promoção do
envelhecimento através do Lazer, da
Participação Social e do Intercâmbio
Geracional

Autor: Raquel Fabiano Póvoa

Dezembro / 2006

RAQUEL FABIANO PÓVOA

Centro de Convivência em Foco:

***Uma proposta de promoção do
envelhecimento através do Lazer, da
Participação Social e do Intercâmbio
Geracional***

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), orientado pela Professora Doutora Sara Nigri Goldman.

UFRJ

Dezembro / 2006

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Sara Nigri Goldman (ESS-UFRJ) Orientadora
Presidente da Banca

Profa. Dra. Mariléia Inoue (ESS-UFRJ)

Prof. Dr. Serafim Fortes Paz (ESS-UFF)

Profa. Maria Lídia (ESS-UFRJ)
(Suplente)

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2006.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, como força maior, que orientou meus caminhos, trouxe conforto e coragem nesta jornada.

Aos meus amados e queridos pais LEONES e SARA, por serem maravilhosos, terem sempre acreditado em mim e compartilharem cada conquista e dificuldade, mas principalmente por dedicarem amor e carinho incondicionalmente. Em especial agradeço a minha mãe por agüentar os momentos de mau-humor, nervosismo e pelas preocupações com minha alimentação e noites de estudos, e aos dois pela preocupação que tiveram todas as noites quando eu voltava das aulas.

A minha irmã KELLY, que esteve sempre ao meu lado, me dando apoio e carinho, além das vezes que a “aluguei” com meus vários pedidos.

A minha querida família, tia LUCIENE, tio RUBENS, primos NATHÁLIA e HELDER, pessoas importantes na minha vida, com quem compartilhei momentos difíceis e de realizações, e a minha prima KÊNIA que também esteve bem presente nos períodos de estudos e ansiedades.

A minha vovó MIRALDA, que sempre me colocou em suas orações e estava sempre pronta a me abraçar e me dar todo apoio quando precisasse; e também por entender a minha ausência durante o tempo que me dediquei aos estudos.

Ao amor da minha vida, ALEXANDRE, que acompanhou parte dessa minha trajetória; com quem compartilhei minhas angústias, ansiedades, expectativas e satisfação; sempre aberto a me ouvir, com paciência, tranquilidade, com carinho e amor. Agradeço por compreender e apoiar os momentos que estive envolvida com a elaboração deste trabalho, deixando às vezes de ficar mais tempo ao seu lado.

A minha queridíssima professora, orientadora e amiga SARA NIGRI GOLDMAN. As experiências que vivenciamos serão inesquecíveis. A convivência com ela durante boa parte do curso foi essencial para enriquecer minha trajetória e formação profissional e pessoal. A dedicação e o incentivo sempre presentes ao me orientar foram essenciais para que eu ficasse mais confiante e entusiasmada a cada passo.

À querida MIRNA, excelente supervisora, além do exemplo de profissional e pessoa. A nossa convivência permitiu-me trocar experiências positivas e ampliar conhecimentos. Suas contribuições para este trabalho também foram fundamentais.

A minha amiga SHEILA, que sem dúvida, esteve presente em todos os momentos. Noites de sonos perdidas, conversas no ônibus, momentos difíceis, conquistas, trabalhos, etc, não vamos esquecer dessas experiências, que nos tornaram mais fortes e mais unidas.

Aos meus amigos ANA CRISTINA, LEONARDO, BEATRIZ, pelo carinho e apoio sempre. E aos AMIGOS DE TURMA, sempre juntos, em muitos momentos.

As minhas AMIGAS e aos COLEGAS DE TRABALHO, que me ouviam diariamente falar sobre os estudos, e que também torceram para que tudo desse certo.

Ao meu amigo GUSTAVO e sua FAMÍLIA, que acompanharam de perto essa trajetória desde o início, sempre me dando força e acreditando em mim.

Aos PROFISSIONAIS do CPSACR, pela oportunidade de conhecê-los, por contribuírem para minha formação profissional e participarem da pesquisa.

Aos IDOSOS do CPSACR, pois este trabalho não seria possível sem eles; sem suas histórias tão ricas de sentido, sem suas participações, sem o carinho e receptividade. A convivência com eles durante dois anos foi muito prazerosa e repleta de lições de vida.

A TODOS OS AMIGOS que de alguma forma contribuíram e me apoiaram nesta etapa da minha vida.

AMO VOCÊS! MUITO OBRIGADA!

EPÍGRAFE

Mensagem do Velho ao Moço

Você já foi criança um dia... mas os anos se dobraram e fizeram de você um jovem, quase um adulto...

E agora você me olha com certo desprezo só porque muitos anos se dobraram para mim e hoje eu sou um velho...

Você observa minhas mãos trêmulas e encarquilhadas e se esquece que foram as primeiras a acariciar as suas, inseguras na infância.

Critica os meus passos lentos, vacilantes, esquecendo-se de que foram eles que orientaram seus primeiros passos.

Reclama quando lhe peço para ler uma palavra que meus olhos já não conseguem vislumbrar com precisão, esquecido das várias palavras que eu repeti inúmeras vezes para que você aprendesse a falar.

Fala da lentidão das minhas decisões, esquecendo-se de que suas primeiras decisões foram por elas balizadas. Diz que eu sou um velho desatualizado, mas eu confesso que pensei muito pouco em mim, para fazer de você um homem de bem.

Reclama da minha saúde debilitada, mas creia muito trabalho foi preciso para garantir a sua.

Ri quando não pronuncio corretamente uma palavra, mas eu lhe afirmo que esqueci de mim mesmo, para que você pudesse cursar uma Universidade.

Diz que não possuo argumentos convincentes em nossos raros diálogos, todavia, muitas foram às vezes que advoguei em seu favor nas situações difíceis em que se envolvia.

Hoje você cresceu...

É um moço robusto e a juventude lhe empolga as horas...

Esqueceu sua infância, seus primeiros passos, suas primeiras palavras, seus primeiros sorrisos...

Mas acredite tudo isso está bem vivo na memória deste velho cansado, em cujo peito ainda pulsa o mesmo coração amoroso de outrora...

É verdade que o tempo passou, mas eu nem me dei conta...

Só notei naquele dia... naquele dia em que você me chamou de velho pela primeira vez, e eu olhei no espelho...

Lá estava um velho de cabelos brancos, vincos profundos na face e certo ar de sabedoria que na imagem de ontem não existia.

Por isso eu lhe digo meu jovem, que o tempo é implacável, e um dia você também contemplará o espelho e perceberá que a imagem nele refletida não é mais a que hoje você admira...

Mas você sentirá que em seu peito o coração ainda pulsa no mesmo compasso...

Que o afeto que você cultivou não se desvaneceu...

Que as emoções vividas ainda podem ser sentidas como nos velhos tempos...

Que as palavras amargas ainda lhe ferem com a mesma intensidade...

E que apesar dos longos invernos suportados, você não ficou frio diante da indiferença dos seres que embalou na infância...

Por isso que eu lhe aconselho, meu filho:

Não ria nem blasfeme do estado em que eu estou; eu já fui o que você é, e você será o que eu sou...

Aquele que despreza seus velhos é como galho que deixa o tronco que o sustenta tombar sem apoio.

A ingratidão para com os que nos sustentaram na infância é semente de amargura lançada no solo, para colheita futura.

Assim, façamos aos nossos velhos o que gostaríamos que nos fizessem quando a nossa idade já estiver bastante avançada.

Autor Desconhecido

Retirado de www.momento.com.br/exibe_texto.php?id=357 acessado em 19/11/2006.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO.....	12
CAPÍTULO I - Envelhecimento e Políticas Sociais.....	12
CAPÍTULO II - O Processo de Asilamento e o Centro de Convivência a partir de três eixos: Lazer como promoção do envelhecimento, participação social e intercâmbio geracional.....	26
CAPÍTULO III - A realidade do Centro de Convivência no CPSACR pela percepção e vivência dos idosos residentes e dos profissionais.....	46
3.1. Análises dos resultados da Pesquisa sobre a participação e o interesse dos idosos residentes no CPSACR em atividades do Centro de Convivência.....	48
3.2. Análises dos resultados das entrevistas realizadas com os idosos residentes no CPSACR que participam das oficinas do Centro de Convivência.....	53
3.3. Análises dos resultados das entrevistas realizadas com os profissionais do CPSACR que realizam oficinas no Centro de Convivência.....	62
3.4. Uma História de Vida na Perspectiva Intergeracional.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
ANEXOS.....	85
ANEXO 1: Roteiro das entrevistas com idosos.....	85
ANEXO 2: Roteiro das entrevistas com profissionais.....	87
ANEXO 3: Modelo do Termo de Consentimento para exibição da imagem.....	89
ANEXO 4: Fotos dos Idosos e Profissionais no Centro de Convivência do CPSACR.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS

ACEPI – Associação Cearense de Proteção ao Idoso
ANG – Associação Nacional de Gerontologia
BPC – Benefício de Prestação Continuada
CPSACR – Centro de Promoção Social Abrigo do Cristo Redentor
CRAF – Central de Recepção de Adultos e Famílias
CRAS – Coordenadoria Regional de Assistência Social
FF – França Filho (Pavilhão do Abrigo)
HUPE – Hospital Universitário Pedro Ernesto
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social
MP – Ministério Público
NEAPI – Núcleo Especial de Atendimento à Pessoa Idosa
OMS – Organização Mundial de Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PNAS – Política Nacional de Assistência Social
PNI – Política Nacional do Idoso
RENADI – Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa
SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI – Serviço Social da Indústria
SETI – Secretaria Especial da Terceira Idade
SI – Santa Isabel (Pavilhão do Abrigo)
SJ – São José (Pavilhão do Abrigo)
SL – São Lucas (Pavilhão do Abrigo)
SLG – São Luiz Gonzaga (Pavilhão do Abrigo)

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UnATI – Universidade Aberta da Terceira Idade

WK – Wolf Klabin (Pavilhão do Abrigo)

INTRODUÇÃO

Não basta, para uma grande Nação, haver acrescentado novos anos de vida. Nosso objetivo terá que consistir em acrescentar nova vida a esses anos.

(John Fitzgerald Kennedy)

Seja na família ou na comunidade, seja através da transmissão de valores culturais e tradições, a sociedade deverá preparar-se para encarar a velhice numa perspectiva de longevidade, qualidade e dignidade.
(NASCIMENTO, Maria Cristina et al., 2000)

O presente trabalho integra a monografia de final de curso, cujo tema foi escolhido a partir das experiências vivenciadas no campo de estágio CPSACR, num período de dois anos (Ago./2004 – Jul./2006), com foco na temática do envelhecimento. O interesse e motivação pelo tema impulsionaram a realização de trabalhos anteriores e inserção em atividades e espaços de discussões sobre a mesma temática; estes, inclusive contribuíram para esta produção acadêmica.

Inicialmente, a hipótese formulada de que o Centro de Convivência se constitui num espaço rico, como proposta a um envelhecimento mais autônomo, com qualidade de vida e digno, principalmente na realidade dos idosos asilados, orientou todo o processo de estudos e as análises das pesquisas.

Os objetivos traçados para este trabalho foram: analisar o Centro de Convivência enquanto um espaço legítimo, inserido no âmbito das políticas sociais, numa perspectiva de promoção do envelhecimento, ampliação da participação social dos idosos asilados e integração das gerações; contextualizar o processo de envelhecimento na sociedade e a necessidade de efetivação das políticas sociais; abordar o Centro de Convivência no atendimento aos idosos asilados e sua relação com a comunidade; analisar as atividades culturais e/ou de lazer, com vistas a maior

autonomia dos idosos, participação social e intercâmbio geracional; avaliar os resultados de pesquisas e experiências concretas dos idosos e profissionais do CPSACR.

Dessa forma, a estrutura organizacional busca contribuir com as discussões e propiciar reflexões relevantes para o alcance desses objetivos, bem como fomentar a ampliação de estudos sobre o tema.

No primeiro capítulo, o trabalho apresenta um debate teórico acerca do processo de envelhecimento, a partir de mudanças sociais nos últimos anos; aborda o imaginário social da velhice na sociedade através da desvalorização e preconceitos arraigados; e ainda, as políticas sociais no contexto neoliberal e as implicações para o envelhecimento.

O segundo capítulo retrata o processo de asilamento com traços positivos e negativos; o Centro de Convivência, enquanto alternativa ao asilamento e/ou isolamento social e sua especificidade numa instituição asilar, perpassando três eixos principais que se relacionam: lazer, participação social e intercâmbio geracional.

O terceiro capítulo remete aos dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com idosos e profissionais no Centro de Convivência do CPSACR e às análises desses resultados à luz do debate teórico. Além disso, aborda uma história de vida realizada com um residente da instituição, numa perspectiva intergeracional.

Cabe ressaltar nesta introdução que a orientação metodológica da pesquisa baseou-se na concepção pluralista, de integrar diversos debates e recursos na coleta de dados, com vistas a uma compreensão mais aberta e ampliada da realidade.

Foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos com a idéia de que se complementam para obtenção de uma análise mais completa, no entanto, a proposta da pesquisa privilegiou a etapa qualitativa para estudos mais aprofundados e abarcar dimensões subjetivas acerca das percepções dos sujeitos envolvidos.

Na primeira etapa da metodologia, a pesquisa bibliográfica foi de suma importância para a apropriação de conhecimentos sobre o tema estudado, para enriquecer as discussões travadas e constituir-se como base para a articulação posterior da teoria-prática.

As técnicas e instrumentos utilizados para coleta de dados compreenderam as entrevistas semi-estruturadas com 42 idosos e 11 profissionais que participam do

centro de convivência, com uma parte sobre perfil dos entrevistados, mas, sobretudo, com respostas abertas e registros de livres depoimentos. Também foi realizada uma história de vida, com um idoso, a fim de contemplar uma experiência concreta permeada de relações intergeracionais. Os registros de diário de campo e observações do período de estágio foram utilizados como recursos interessantes e contribuíram na aproximação da dimensão teórica à prática cotidiana.

E assim, as considerações finais retomaram algumas análises gerais dos resultados, registro de algumas limitações na elaboração do trabalho, bem como a contribuição que este trouxe para a instituição de análise e na provocação de novos debates. Ainda, foram apontadas sugestões para o aprofundamento de alguns aspectos e para o enriquecimento do trabalho realizado com os idosos, com a preocupação de promover o envelhecimento, romper com estigmatizações, garantir maior qualidade de vida e condições para uma cidadania efetiva.

CAPÍTULO I

Envelhecimento e Políticas Sociais

Um novo cenário para a velhice poderá ser construído levando-se em conta duas atitudes fundamentais: cultivar uma cultura da tolerância, onde o respeito às diferenças seja o valor fundamental, e considerar o ser humano como prioridade absoluta, independente de sua faixa etária, na efetivação de políticas públicas que busquem garantir a inclusão social para todos. (BRUNO, 2003, p.81)

“A população mundial está envelhecendo”. É cada vez mais comum ouvir ou ler tal expressão no contexto mais recente. Isso porque o processo de envelhecimento¹ ocorre num ritmo muito acentuado nos últimos 30 anos.

O fenômeno de envelhecer era mais característico dos países desenvolvidos desde o início do século passado, como aponta Freitas (2004), ocorrido de forma mais gradual, e justificado pelas melhores condições de vida da população e maiores avanços tecnológicos.

No entanto, os países em desenvolvimento têm apresentado altas taxas de envelhecimento populacional, num processo mais acelerado, trazendo inclusive, modificações significativas nas suas estruturas etárias, a partir da década de 1950.

Conforme alguns dados:

Segundo previsão da ONU, a continuar no ritmo acelerado que se processa o envelhecimento mundial, por volta do ano 2050, pela primeira vez na história da espécie humana, o número de pessoas idosas será maior que o de crianças abaixo dos 14 anos. A população mundial deve saltar dos 6 bilhões para 10 bilhões em 2050. No mesmo período, o número de idosos deve triplicar, passando para 2 bilhões, ou seja, quase 25% do planeta. (BERZINS, 2003, p.23)

¹ “A Organização Mundial de Saúde (OMS), desde 1982 propõe que, para países em desenvolvimento, o, prevalecendo o mínimo de 65 anos para os países desenvolvidos limite etário seja de 60 anos ou mais de idade” (IBGE, 2004)

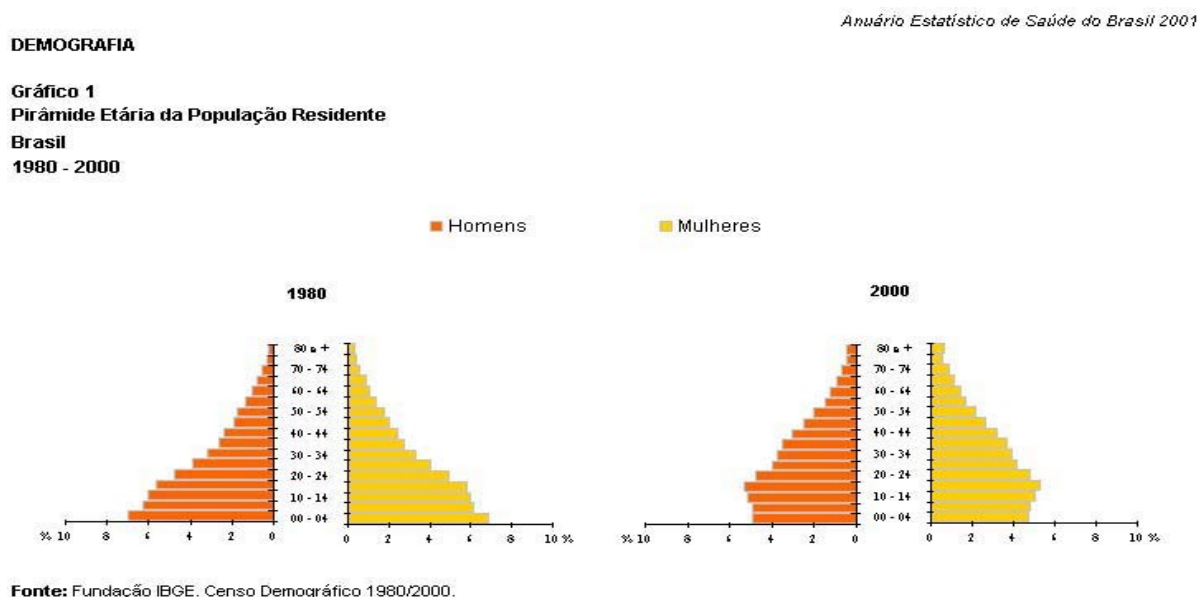
E as mudanças revelam como principais causas a queda da taxa de fecundidade (iniciada em meados da década de 60) e a queda da taxa de mortalidade, sobretudo aos fatores ligados ao desenvolvimento científico e tecnológico nas sociedades.

Freitas (2004) destaca como fatores que contribuíram para o aumento da longevidade nos países em desenvolvimento, a descoberta de antibióticos no final da década de 1940, a criação de vacinas e de unidades de terapia intensiva desde a metade do século passado, e a mudança de estilo de vida a partir da década de 1960.

No caso brasileiro, as pesquisas apontam para uma população de idosos de aproximadamente 15 milhões de pessoas, representando 9,1% da população total, segundo os dados do último Censo (2000), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A identidade do Brasil enquanto um “país jovem” vem sendo modificada, como é possível observar na figura a seguir (fig.1):

FIGURA 1



O processo de envelhecimento da população está cada vez mais evidente, como indicado nas mudanças demográficas. Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), a população idosa no Brasil, em números absolutos, em 2025, estará entre as seis maiores do mundo (Goldman, 2003).

Cabe ressaltar que o envelhecimento não pode ser analisado como um fenômeno homogêneo e generalizável; há diversas formas de envelhecer e perceber o envelhecimento, principalmente em contextos marcados por intensas desigualdades econômicas, sociais e culturais, considerando fatores subjetivos e objetivos como influências para as diferenciações.

Deve-se entender o processo de envelhecimento *“como multifacetado, complexo e situado no tempo, espaço e historicamente determinado”*. (Goldman, 2004, p.61) Por isso, o processo de envelhecimento tem que ser estudado e analisado por diversas áreas, sob múltiplos ângulos.

Freitas (2004) também explora essa questão da heterogeneidade do fenômeno ao abordar dimensões do envelhecimento da sociedade brasileira, nas áreas urbanas e rurais, com grandes diferenças acentuadas principalmente pelo processo migratório dos mais jovens, gerando áreas de envelhecimento maior. E ainda, destaca aspectos peculiares do envelhecimento em relação ao gênero e ao estado civil.

O sexo feminino é maioria nas pessoas com 60 anos ou mais, cerca de 55%. Mas a proporção de homens casados é maior que a de mulheres, respectivamente 79% e 43%, segundo dados do IBGE (2003), havendo um maior número de viúvas.

Todo esse fenômeno do envelhecimento, que se torna constante nas sociedades atuais, demanda uma reorganização das estruturas social e econômica, com políticas específicas voltadas para o segmento idoso.

A partir da análise dos dados demográficos é possível verificar uma contradição inerente ao processo de envelhecimento populacional, sobretudo na realidade das sociedades em desenvolvimento. Ao passo que uma maior expectativa de vida traduz importante conquista para a humanidade, através do progresso tecnológico e descobertas científicas, a velhice não é reconhecida pela sociedade de forma valorizada; um amplo preconceito está disseminado, a níveis econômico, político, cultural e social e o conjunto de políticas públicas voltadas à garantia de um envelhecimento digno e com qualidade de vida ainda é bastante precário.

Mesmo com todo avanço no aumento da expectativa de vida, a sociedade ainda tem uma representação social negativa da velhice, reproduzindo uma imagem do idoso enquanto “improdutivo”, “incapaz”, “solitário”, enfim “excluído”. Isso porque os valores predominantes são o da produção, da riqueza, vigor e do consumo, reforçando uma imagem positiva do jovem.

Paz (2000) aborda a imagem como um instrumento que permite compreender a diversidade de questões sobre a visão (em geral estereotipada) do processo de envelhecimento humano. A velhice deve ser entendida em suas inter-relações no cotidiano social e sob determinações históricas e sociais.

A realidade social dos idosos no Brasil não traz uma imagem muito agradável, pois grande parte dos idosos se encontra na pobreza, em plena exclusão sócio-econômica, e convive com o sofrimento, a violência e a discriminação social.

Em seus estudos é possível analisar como o segmento idoso sofre com o desrespeito aos seus direitos sociais e com a violência provocada pelo “confronto” (geracional e intraclasses), onde os setores dominantes instigam o conflito entre trabalhadores ativos X aposentados e / ou das faixas etárias jovens X velhos.

Ideologicamente, o autor aponta para um tipo de “apartheid” social e etário, que é reforçado por mecanismos institucionais, provocando discriminação e suas mazelas, principalmente sobre o cidadão-idoso. Ao valorizar o jovem-trabalhador produtivo, nega-se um passado histórico do idoso.

A imagem, portanto, não pode ser tratada como fruto da imaginação e descolada da realidade, e sim, como resultado de significações e configurações relacionadas com o cotidiano, que merecem ser interpretadas.

As atitudes de rejeição e preconceitos em relação aos idosos são incorporadas e reproduzidas, inclusive, por eles próprios, levando-os ao isolamento, passividade, falta de motivação e dependência. São descartadas as riquezas de valores e experiências de vida desse grupo etário, que poderiam ser valorizadas e contribuir para novas visões na sociedade. As rugas e todas as mudanças físicas revelam uma beleza de vida acumulada. Acúmulo de histórias, experiências e sabedorias.

E ainda:

Essa contradição é agravada por fatores culturais que idolatram o moderno, o novo, o jovem e ridicularizam o antigo e o velho. Assim, o idoso se depara com problemas de rejeição da auto-imagem e tende a assumir como

verdadeiros os valores da sociedade que o marginaliza. (GOLDMAN, 2003, p.29)

E a mídia, que atinge a uma grande massa, assume um papel fundamental de reforçar tal imagem, ao associar ao jovem o que é belo e dinâmico, e ao velho, o decadente e ridículo.

Dessa forma, para compreender a velhice, é necessário percebê-la inserida num fenômeno heterogêneo e num contexto histórico-social, resultante de um conjunto de fatores econômico, social, político e ideológicos, em constantes conflitos na sociedade.

Beauvoir (1990) também aborda sobre imagem da velhice reproduzida socialmente. *“Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes”*. (p.12)

Diante do quadro mais recente de aceleração dos níveis de envelhecimento e concomitante, a ausência de políticas públicas integradas efetivamente para a garantia da qualidade de vida e valorização do segmento idoso, a realidade brasileira encontra-se muito aquém de uma realidade ideal para os muitos idosos que integram o cotidiano social.

O grande desafio colocado é de que a conquista da maior expectativa de vida seja acompanhada de boa qualidade, para que viver mais implique em anos mais saudáveis e com dignidade, sem isolamento social, dependência e sofrimentos.

Camarano e Ghaouri² *apud* Freitas (2004) consideram que não apenas a Previdência Social constitui-se num problema assistencial ao idoso, mas que também é preciso ter um processo da promoção integrada de políticas para melhorar os aspectos ligados à moradia, nutrição, saúde, educação, igualdade de oportunidades entre os sexos, etc.

É verdade que já se observa uma orientação no sentido de políticas sociais para o segmento etário abordado desde 1994, com a lei que definiu a PNI³ e, posteriormente com o Estatuto do Idoso⁴, numa perspectiva de promoção do envelhecimento, e uma previsão de integrar as ações em diversas áreas, tais como saúde, previdência social, trabalho, justiça, educação, habitação e urbanismo.

² GHAOURI, Solange Kanso. 1999. **“Idosos brasileiros:que dependência é essa?”**.In: Camarano, Ana Amélia (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 281-304.

³ Da Política Nacional do Idoso – Lei nº 8.842/94.

⁴ Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741/03.

Mas apesar de um aparato legal que contemple os direitos sociais, estes não são realmente efetivados em sua totalidade, e principalmente no contexto neoliberal, de desmonte e vulnerabilização das políticas sociais, através das quais os direitos se concretizam.

Yasbek (1999) analisa as políticas sociais nos marcos da reestruturação do capitalismo globalizado:

[...] os anos 80 e 90 foram anos adversos para as políticas sociais e se constituíram em terreno particularmente fértil para o avanço da regressão neoliberal que erodiu as bases dos sistemas de proteção social e redirecionou as intervenções do Estado em relação à questão social. (...) as políticas sociais vêm sendo objeto de um processo de reordenamento, subordinado às políticas de estabilização da economia... (p. 29)

Com o projeto neoliberal, os problemas sociais, políticos e culturais são acirrados, e um contingente populacional cada vez maior é excluído da revolução tecnológica. A população idosa se insere nessa massa excluída e tem oportunidades restritas de acompanhar o processo acelerado de mudanças.

A garantia dos direitos depende da participação política da população através dos instrumentos de organização, de pressão e de denúncia.

É bem verdade que muitos idosos, principalmente a partir de final da década de 1980, vêm ocupando espaços em diversas áreas. Estão marcando sua presença, contribuindo socialmente e combatendo formas de negação, isolamento e anulação; e preservando a memória histórica.

Através da participação social, com maior presença nas lutas sociais, contribuem para construção de uma nova imagem, ajudando a dissipar a velha imagem de solidão, inutilidade e fragilidade.

Cresceram no Brasil os movimentos dos idosos na luta pela cidadania, buscando a aquisição de novos direitos sociais e a garantia dos já conquistados, como exemplo o movimento dos idosos e aposentados pelos 147%⁵ (muito mais expressivo pela participação dos aposentados), pela construção da Política Nacional do Idoso e Estatuto do Idoso, através de denúncias e reivindicações. A partir da conquista da Lei 8.842/94, que muitos Fóruns da Política Nacional do Idoso e a maioria dos Conselhos de Idosos são constituídos.

⁵ Segundo Paz (2004), o “Movimento dos 147%” representou a luta e vitória dos aposentados pela reposição dos 147% nos seus benefícios, após a exclusão do direito previsto na Constituição Federal de 1988 da irredutibilidade dos benefícios de aposentados e pensionistas ao mesmo nível do poder aquisitivo na data da concessão, tendo o salário-mínimo como referência. A Lei 8.222/91, no governo Collor, foi responsável por retirar o referido direito.(p.235)

De acordo com Paz (2004), nestas lutas estiveram presentes junto aos idosos várias instituições na defesa de seus interesses, como Associação Nacional de Gerontologia (ANG), Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e Associação Cearense de Proteção ao Idoso (ACEPI).

As imagens já construídas do velho não são eternas; é possível revertê-las, através da resistência e luta cada vez maior dos idosos a fim de envolver toda a sociedade num futuro melhor para os cidadãos.

As instâncias de participação em níveis municipal, estadual e federal, como os Conselhos do Idoso, têm objetivo de propor e acompanhar as políticas públicas direcionadas à população idosa. Os Conselhos são órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos por representantes dos órgãos e entidades públicas e de organizações da sociedade civil. Nestes, somente os conselheiros têm direito à voz e voto. Embora previsto em lei, nem todos os municípios têm ainda o seu Conselho do Idoso e tal conquista depende da organização e pressão da sociedade.

Os fóruns são espaços abertos para idosos e representantes de entidades e grupos possam debater sobre questões relacionadas à cidadania dos idosos e fazer encaminhamentos de propostas e denúncias aos órgãos deliberativos. Nestes, todos os representantes podem ter voz e voto.

É importante a participação da sociedade civil no acompanhamento e controle das políticas públicas, como forma de materializar os direitos sociais e garantir a legitimidade das reivindicações.

Apesar dessas conquistas e formas de mobilização, ainda é incipiente a participação social da maioria dos idosos brasileiros, que acaba se acomodando e reproduzindo a lógica dominante.

Segundo Coimbra (1987), através de uma avaliação das políticas sociais de um país, pode-se analisar como a idéia de cidadania se concretiza. Quando a política social é marcada por desigualdades de acesso, incompatibilidade entre as demandas das populações e a oferta de serviços, por estigmatizações ou por uma prestação de assistência de má qualidade, a política social fica em desacordo com os princípios da cidadania.

Cabe ressaltar que apesar das importantes contribuições clássicas de Marshall (1963) para o conceito de cidadania, compreendendo-a enquanto um

conjunto de direitos: civis, políticos e sociais⁶, concepções mais abrangentes estão em Coutinho (1992 e 1997), quando acrescenta o debate da democracia e da luta de classes e em Bobbio (1992), que inclui ao conjunto de direitos descritos por Marshall, direitos importantes para a contemporaneidade tais como os direitos ecológicos e direitos ao patrimônio genético (devido aos problemas de ordem ambiental e manipulações genéticas), não enquadrados nos direitos clássicos.

De acordo com a discussão trazida por Coutinho (1997), a cidadania é compreendida enquanto prática democrática, de soberania popular. Mas a ampliação da participação popular esbarra na lógica do capital, e o ideal da cidadania plena não pode realizar-se. Assim, o autor coloca que a contradição entre cidadania e classe social reside na incompatibilidade de universalizar a cidadania no âmbito do sistema capitalista, sendo necessária uma transformação social.

O debate teórico acerca do tema cidadania é relevante para compreender que na atual conjuntura, a viabilização dos direitos sociais dos idosos demanda um esforço extra na organização dos movimentos sociais em busca da garantia de seus interesses.

Pressionados pela queda da taxa de lucro motivada pela dura recessão que abala hoje o capitalismo, os líderes burgueses buscam por fim o Estado de Bem-Estar, aos conjuntos de direitos sociais conquistados pelos trabalhadores, devolvendo ao mercado a regulação de questões como a educação, a saúde, a habitação, a previdência, etc.. Essa é uma clara prova de que os direitos sociais não interessam à burguesia: em algumas conjunturas, ela pode até tolerá-los e tentar usá-los em seu favor, mas se empenha em limitá-los e suprimi-los sempre que, nos momentos de recessão (que são inevitáveis no capitalismo), eles se revelam contrários à lógica capitalista da ampliação máxima da taxa de lucro. (COUTINHO⁷ *apud* GOLDMAN, 2000, p.30)

O Estado busca transferir sua responsabilidade para a sociedade civil, no atendimento às demandas sociais, oriundas da contradição capital x trabalho⁸. Tal contradição, inerente ao modo de produção capitalista, reside na apropriação por uma minoria dos meios de produção, enquanto uma grande maioria detém somente a força de trabalho.

⁶ Para aprofundar a discussão sobre o conjunto de direitos que constituem a cidadania para Marshall, a partir da realidade inglesa, ler MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. *"Cidadania, democracia e educação"*. (Mimeo). São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, mar, 1993, p. 14.

⁸ Para aprofundar o tema sobre o sistema capitalista a partir da concepção marxista e o debate da questão social, consultar NETTO, José Paulo, 1947. *Capitalismo monopolista e serviço social* ed ampliada – São Paulo, Cortez, 2001.

Essas demandas sociais, de acordo com Cerqueira Filho⁹ *apud* Netto (2001), são oriundas do conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos imposto através do surgimento da classe operária com a constituição do sistema capitalista, e tais problemas expressam a questão social, num sentido mais amplo. *“Assim, a ‘questão social’ está fundamentalmente vinculada ao conflito entre o capital e o trabalho”*. (p.17)

A questão da classe social, segundo Goldman (2004), interfere de modo significativo na vida dos idosos. Os que detêm um poder aquisitivo maior e integram uma elite burguesa, podem dispor de variadas opções e oportunidades para usufruírem a velhice com o acesso às instituições gerontológicas de luxo, viagens, tratamentos de saúde de última tecnologia, e outros recursos.

Nas camadas mais pobres, o idoso pode se tornar um empecilho para a família, ou ainda, ser a única fonte de renda, através de suas aposentadorias e pensões. *“Há famílias, principalmente nos municípios mais pobres, em que os idosos mantêm as despesas familiares e são valorizados como uns dos poucos consumidores locais com renda fixa”*. (p.62)

Com dados do IBGE (2000) constata-se que o idoso é o principal provedor em 58% das famílias brasileiras que possuem idosos. Isso pode ser explicado pelas conseqüências que o processo de globalização, desemprego estrutural e subemprego trazem para os adultos jovens, que enfrentam dificuldades para seu sustento e da sua família. É uma realidade que vem inverter a lógica de que os filhos teriam que cuidar de seus idosos dependentes, onde esses passam a depender da ajuda financeira de seus pais e avós.

Numa possível projeção para o futuro, a situação mais favorável de alguns idosos que obtiveram a aposentadoria não se reproduzirá para muitos jovens de hoje, ao ingressarem na velhice.

Goldman (2004) ainda afirma que as mudanças conjunturais propiciadas pelo acirramento do modelo neoliberal repercutem em todas as gerações, mas sobretudo, o segmento idoso sofre com as mazelas desse Estado Mínimo para as políticas sociais, transferindo os gastos com a velhice, principalmente da seguridade social¹⁰,

⁹ CERQUEIRA FILHO, Gilásio. **“A ‘questão social’ no Brasil”**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982, p. 21.

¹⁰ Seguridade Social é composta pelos direitos à Previdência Social, à Saúde e à Assistência Social, que devem ser garantidos pelo Estado, previstos na Constituição Federal de 1988.

para as famílias e sociedade, quando os idosos não têm condições de assumir, ou ainda transferida aos próprios indivíduos idosos.

Laurell¹¹ *apud* Freitas e Jorge (2004) apontam o processo de transferência do Estado neoliberal de suas responsabilidades quanto à proteção social: “Os neoliberais sustentam que o campo do bem-estar social pertence ao âmbito privado e que as suas fontes ‘naturais’ são a família, a comunidade e os serviços privados”.

No que concerne à população idosa, muitas vezes a responsabilidade é toda transferida à família, que já sofre também todo um processo de exclusão e dificuldades concretas, além de uma série de mudanças pelas quais a estrutura familiar vem passando atualmente.

Por conta das precárias condições de vida, muitos idosos depois de aposentados, ou ainda aqueles que não tiveram o direito à aposentadoria, mas estão fora do mercado de trabalho, após terem contribuído e produzido durante anos, buscam o reingresso ao trabalho através de empregos principalmente informais ou em forma de subempregos para garantirem o seu sustento.

Então, é possível constatar que:

a população que chega a alcançar idade mais elevada encontra dificuldades em se adaptar às condições de vida atuais, pois além das limitações físicas, psíquicas, sociais e culturais decorrentes do envelhecimento, sente-se relegada a um plano secundário no mercado de trabalho, no seio da família e na sociedade em geral. (GOLDMAN, 2004, p. 63)

Diante das péssimas condições de vida, de políticas fragmentadas e focalizadas, e da escassez de programas integrados para o idoso, as famílias buscam muitas vezes alternativa nas instituições asilares.

As instituições asilares contemplam a política de assistência ao idoso com proteção integral ao idoso, na modalidade de proteção social especial¹², como prevista na Política Nacional de Assistência Social (2004).

A política de assistência específica ao segmento idoso, no âmbito estadual, municipal e no Distrito Federal, prevê:

¹¹ LAURELL, Asa Cristina. “Avançando em direção ao passado: a política social do neoliberalismo”. In: *Estado e Políticas no Neoliberalismo*. Asa Cristina Laurell (org.), SP, Cortez, 2ª ed, 1997, p. 163.

¹² **Proteção social básica e especial à pessoa idosa:** constitui apoio financeiro federal a serviços, programas e projetos executados por governos de Estados, Municípios e Distrito Federal, bem como por entidades sociais, tendo em vista o atendimento de pessoas idosas pobres, a partir dos 60 anos de idade. Seu objetivo é contribuir para a promoção da autonomia, integração e participação do idoso na sociedade e fortalecer seus vínculos familiares (PEREIRA, 2002)

ações desenvolvidas pelos governos que, em parceria com o governo federal ou instituições privadas, podem contemplar celebração de convênios para prestação de serviços especiais; distribuição de benefícios eventuais; criação e regulamentação de atendimentos asilares; realização de programas educativos e culturais; isenções fiscais de entidades particulares, dentre outros. (PEREIRA, 2002)

Em suma, a assistência social constitui uma área estratégica para a manutenção de uma ampla rede de proteção para as pessoas idosas que, para além do benefício de prestação continuada, previsto na Constituição, inclui: *“centros de convivência, casas lares, abrigos, centros de cuidados diurnos, atendimento domiciliares, dentre outros, em articulação com as demais políticas públicas”* (Carvalho et al., 1998).

E não apenas a assistência social, mas também todas as políticas sociais, voltadas para os idosos, devem contribuir para o bem-estar da pessoa idosa, com maiores possibilidades de participação social e acesso a bens, serviços e direitos.

Algumas políticas sociais implementadas para o segmento idoso abarcam principalmente as áreas da saúde, lazer, educação, cultura, segurança, transporte e direitos previdenciários. Mas estas não seguem efetivamente o princípio da intersetorialidade prevista na PNI, ao realizarem suas ações.

No âmbito da saúde destaca-se o Programa de Saúde do Idoso que direciona ações a grupos específicos de hipertensão, diabetes e osteoporose, em algumas unidades de saúde.

No lazer, destacam-se os grupos de convivência em diversos espaços, como exemplos as atividades desenvolvidas pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e nos Centros de Convivência. Em relação ao Centro de Convivência do CPSACR, um idoso aponta:

Eu acho que é bom. Me sinto bem realizado no Centro de Convivência, porque procuro o máximo possível conviver com os outros do melhor modo possível.

Acho que falta ter um espaço para apresentar o que é produzido ali. E dar condições de ser mais divulgado. (idoso, 77 anos)

Enquanto na área educacional, as universidades abertas para a terceira idade como a UnATI UERJ e o Espaço Avançado da UFF, constituem-se em espaços de ensino, aquisição de conhecimentos e sociabilidade entre idosos entre si e com

outras gerações. Além disso, projetos de Alfabetização, promovidos por diversas instituições, como pelo Sesi, vêm atingindo, embora ainda poucos, idosos não alfabetizados na realidade brasileira.

O acesso às programações culturais é propiciado pela política prevista no Estatuto do Idoso, a partir dos descontos e gratuidades nos centros culturais. No entanto, na sociedade brasileira é baixo o incentivo à cultura em todas as faixas etárias.

Para garantir a segurança do idoso, após escândalos de maus-tratos que chegaram à mídia, foram criadas Delegacias Especializadas de Atendimento ao Idoso, Ligue-Idoso Ouvidoria e Núcleo Especial Atendimento à Pessoa Idosa (NEAPI), para receber denúncias de desrespeito aos direitos do idoso e/ou atuar na defesa desses direitos. A proposta seria de integrar esses órgãos com as demais políticas, o que não ocorre na prática.

Em relação aos transportes, a gratuidade aos idosos presente na lei do Estatuto do Idoso (2003) é destinada aos idosos a partir dos 65 anos, contradizendo a delimitação de 60 anos de idade para ser considerado idoso. Outra contradição desta política corresponde à garantia de gratuidade tanto nos transportes municipais quanto interestaduais. No segundo caso, a lei não prevalece em detrimento dos interesses lucrativos das empresas de transportes rodoviários.

Ainda no caso dos transportes municipais em que a lei é garantida. Na prática, muitas situações já foram presenciadas e registradas, através de reclamações dos próprios idosos, chegando algumas vezes na mídia, de maus tratos, incompreensão e discriminação para realização deste direito, ainda a presença de empecilhos colocados pelas empresas de ônibus como exigência de cartões próprios das prefeituras, mudanças de roletas nos ônibus, etc, para dificultar ainda mais a efetivação do direito.

E a política da Previdência Social, que não é exclusiva dos idosos, mas compreende através de seus benefícios esse segmento como seu principal público-alvo. O movimento dos idosos e da sociedade como um todo, no sentido de garantir a efetividade dessa política e a integração com as demais é imprescindível, visto que as mesmas vêm sendo constantemente desmontadas no modelo atual de Estado, como abordado anteriormente, ainda que ocorram determinadas mobilizações.

Como exemplo concreto: *“As Associações de Aposentados e Pensionistas são espaços ídeo-políticos e sociais para a garantia de usufruto de direitos de ampla faixa de idosos beneficiários da Previdência Social”*. (GOLDMAN, 2004, p. 69).

No entanto, estas organizações não chegam a estar amplamente disseminadas, conscientizadas e articuladas para viabilizar uma mudança estrutural das ações governamentais e romper com a lógica de mercado.

A proposta de construção de uma Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa (RENADI), foco das discussões da I Conferência Nacional de Direitos do Idoso em 2006, revela mais uma vez a necessidade de se criar estratégias para a implementação de políticas para este segmento e mostra o distanciamento das leis com a realidade das ações.

Tal Rede tem por princípio integrar as ações e criar mecanismos de monitoramento das mesmas. Por RENADI entende-se:

uma organização da atuação pública (do Estado e da sociedade) através da implementação de um conjunto articulado, orgânico e descentralizado de instrumentos, mecanismos, órgãos e ações para realizar todos os direitos fundamentais da pessoa idosa do país. (Texto Base da I Conferência Nacional de Direitos do Idoso, MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2006)

Portanto, não há novidade na sua perspectiva, pois as idéias aqui expostas vêm reafirmar a necessidade de efetivar a PNI e o Estatuto do Idoso, de forma que as ações estejam articuladas. Se as discussões da I Conferência giram em torno dessa perspectiva, os espaços de debates se fortalecem e apontam todas as dificuldades enfrentadas para a efetivação dos direitos, mas os gestores estatais precisam comprometer-se também e os direitos sociais assegurados na lei passarem a assumir maior importância nas políticas públicas.

Muitas das ações e serviços previstos pela rede para os municípios maiores, como Promotoria do Idoso, Vara do Idoso, Defensoria do Idoso, Conselho de Direitos do Idoso, atendimento domiciliar ao idoso, residência temporária para idosos vítimas de violência, Centro-dia, casas-lares, capacitação de cuidadores de idosos e conselheiros, reservas de leitos em hospitais, atendimentos especializados nos hospitais públicos com médicos geriatras, enfim, ainda não contemplam todos os municípios, e são insuficientes no atendimento à população idosa, que fica a mercê

de uma seletividade muito injusta característica das políticas sociais na realidade brasileira.

Enfim, as orientações presentes no texto base para construção da RENADI, de promover ações para efetivar o Estatuto do Idoso; a integração das ações; o monitoramento das políticas; a participação dos gestores governamentais, dos conselhos e dos próprios idosos como protagonistas na construção da Rede; estão muito distantes da prática, mas é o caminho da luta das instituições na defesa e proteção do idoso.

Desta forma, é contraditório, no próprio texto base encontrar *“é preciso dizer que todas essas ações só serão efetivadas se os próprios idosos estiverem comprometidos com a sua dignidade”* (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2006). De fato, estes devem estar envolvidos com esta luta para mudanças efetivas, mas a responsabilidade não pode ser atribuída apenas ao segmento idoso e seguir a lógica de individualismo perpetuado na sociedade do “salve-se quem puder”. Essa não é uma luta de transformação que beneficie somente os idosos de hoje, mas as possíveis conquistas ficarão como um legado para as demais gerações à medida que vão envelhecendo. Portanto, a sociedade como um todo deve fortalecer essa luta. E a responsabilidade por políticas eficazes que propiciem melhores condições de sobrevivência e uma vida digna deve ser inteiramente do Estado.

Assim realizada tal análise, pretende-se aqui propor uma linha de reflexão sobre uma política social específica e já prevista na legislação para os idosos, referida anteriormente, e implementada em vários municípios e estados brasileiros. Os Centros de Convivência para idosos, numa concepção de alternativa ao asilamento e isolamento social para esse segmento etário.

A análise desses espaços pretende enfocar alguns aspectos do envelhecimento tais como, uma proposta para a institucionalização, o lazer, a participação e autonomia, e o convívio das gerações, significativos para a promoção do envelhecimento, para a construção de uma imagem mais positiva do idoso na sociedade e para a garantia de direitos sociais.

CAPÍTULO II

O Processo de Asilamento e o Centro de Convivência a partir de três eixos: Lazer como promoção do envelhecimento, participação social e intercâmbio geracional

Com o passar dos anos, as árvores tornam-se mais fortes e os rios, mais largos. De igual modo, com a idade, os seres humanos adquirem uma profundidade e amplitude incomensurável de experiência e sabedoria. É por isso que os idosos deveriam ser não só respeitados e reverenciados, mas também utilizados como o rico recurso que constituem para a sociedade. (Kofi Annan)

A realidade do asilamento será abordada, visto que compreende aspectos relevantes que podem influenciar na participação dos idosos.

O Sistema Integral Asilar constitui-se como uma modalidade de atendimento da política de atenção ao idoso, enquanto responsabilidade do Estado, que de acordo com a PNI e Estatuto do Idoso, deve ser o último recurso, quando há perda de vínculos familiares e/ou sociais, abandono e carência de recursos para prover a própria subsistência.

Segundo o art. 49 do Estatuto do Idoso, as entidades de longa permanência devem adotar determinados princípios:

I-Preservação dos vínculos familiares; II- Atendimento personalizado e em pequenos grupos; III- Manutenção do idoso na mesma instituição salvo em caso de força maior; IV- Participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo; V- Observância dos direitos e garantias dos idosos; VI- Preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade. (Estatuto do Idoso, Lei nº 10.191, 2003)

É importante destacar que considerar a responsabilidade da família é pensá-la inserida no contexto de mudanças da sociedade. Não cabe subentender tradicionalmente a família nuclear, quando esta vem passando por mudanças notáveis ao longo de tempo em sua estrutura. Inclusive, a Política Nacional de Assistência Social (2004) já aborda o conceito mais amplo de família que vai além

dos laços consangüíneos. O ambiente onde o idoso vive e mantém relações afetivas, pode ser considerado como parte de sua família, ou ainda, sua única referência familiar.

No entanto, se o idoso perde os vínculos com a família (no seu sentido mais amplo), outros grupos ou instituições tornar-se-ão responsáveis por ele:

Mediante as transformações das sociedades urbanas industrializadas, essas responsabilidades vêm deixando de ser um domínio exclusivo da esfera familiar e muitas dessas necessidades referentes aos idosos estão sendo atendidas por organizações alheias à família. (MORAGAS¹³, 1997 *apud* ALMEIDA, 2005, p. 55)

Assim, tal como citada nas leis apontadas, a política de asilamento atualmente representa uma alternativa frente às necessidades reais. Para muitos idosos, os asilos representam a possibilidade de estarem abrigados e estabelecerem novos vínculos sociais, ainda que alguns ou a maioria preferissem o convívio familiar.

E cabe a reflexão de que nem sempre o espaço familiar representa o melhor convívio para o idoso. Em muitos casos, os asilos são escolhidos como alternativas ao espaço doméstico, visto que muitos lares são marcados por situações de violência, descaso, negligência, discriminação.

O abrigamento também pode representar uma escolha em conviver junto a outros idosos (no caso dos abrigos privados) e ainda, uma alternativa de acompanhamento integral para idosos com limitações e necessidades especiais de saúde.

Goffman (1987), em suas análises, compreende as instituições de abrigamento com referência a *“instituições totais”*, assim definidas como: *“local de residência e trabalho, onde um grande número de pessoas com situações semelhantes, separados da sociedade mais ampla por considerável tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”*. (p. 7)

O autor aponta para o caráter de fechamento dessas instituições. O fechamento à relação social, ao mundo externo, onde as portas fechadas, grades e muros simbolizam a exclusão da sociedade e dos fatos que nela ocorrem. E ainda, considera que, a equipe de supervisão da instituição controla o grupo maior dos internados. O controle exercido, segundo sua concepção, transforma os indivíduos,

¹³ MORAGAS, M.R. **Gerontologia social**. São Paulo: Paulinas, 1997.

através de um processo para torná-los dependentes e incapazes de enfrentar aspectos da vida diária, no retorno ao mundo externo (fora da instituição).

De fato, nos asilos, muitos idosos encontram-se bastante afastados da comunidade, longe de uma convivência social mais freqüente, saem poucas vezes em passeios com grupos e muitos são abandonados lá pela família e amigos. A institucionalização compreende um processo de padronização, de regras e despersonalização. Isso contribui gradativamente para a perda da autonomia e da identidade, muitos passam a viver o isolamento social e agir apenas de acordo com o coletivo, desprezando seus interesses individuais.

Mas é interessante analisar o processo de asilamento de forma mais completa, buscando exatamente desconstruir a imagem da instituição como um espaço de solidão, abandono e exclusão social.

Há uma dimensão positiva que revela a riqueza característica desse tipo de instituição, na soma de experiências, produções e realizações, numa dinâmica interessante e desvinculada do ritmo intenso da sociedade globalizada.

Debert ¹⁴ (1999) *apud* Almeida (2005) destacou duas facetas na análise que realizou sobre tais instituições:

Uma delas, bastante negativa, mostra o asilo como a concreção dramática da solidão e do desprezo a que os velhos são relegados na nossa sociedade. A outra reporta-nos à experiência acumulada, à sabedoria, ao desprendimento, à libertação das angústias e da pressa dos mais jovens, aspectos que dariam caráter especial e exclusivo à vivência das pessoas de mais idade e que podem tornar mais animadora e perspectiva de passar um longo período fazendo trabalho de campo, numa instituição desse tipo. (p. 58)

Outro ponto a ser considerado remete ao cuidado de não restringir a visão sobre um processo de asilamento com total fechamento para as relações sociais e para uma total padronização.

As contribuições de Goffman (1987) são relevantes, na medida que os idosos vivenciam aspectos negativos na institucionalização, e podem contribuir para a luta a favor da ruptura com um sistema que não respeita o indivíduo dentro do grupo.

No entanto, deve-se estender a reflexão para além desta análise, entender o idoso institucionalizado como também um cidadão que deve ter seus direitos

¹⁴ DEBERT, Guíta Grin. A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo Fapesp, 1999.

garantidos e compreender a instituição como um espaço que não pode estar totalmente fechada. Mesmo que no âmbito interno da instituição, os idosos estabelecem novas redes de sociabilidade e estão em constantes relações inseridos na sociedade, seja através de canais diretos ou indiretos.

A abordagem da realidade de uma instituição asilar específica vem demonstrar algumas situações e aspectos concretos do cotidiano a fim de corroborar e estimular reflexões acerca do envelhecimento e do processo de asilamento.

O Centro de Promoção Social Abrigo do Cristo Redentor (CPSACR) compreende três modalidades de atendimento ao idoso: Centro Dia, Centro de Convivência e Sistema Integral de Asilamento. Está vinculado ao Governo Federal, mas é gerenciado pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. Embora ainda não tenha se efetivado, o abrigo passa por um processo de municipalização. Na sua modalidade de atendimento integral asilar, conta atualmente com aproximadamente cerca de 300 idosos em condições físicas, psíquicas e sociais diversas.

O público-alvo compreende idosos (pessoas a partir de 60 anos) que vivem em situação de rua, em condições precárias de subsistência e/ou sem vínculos familiares; estes são encaminhados por órgãos e instituições públicas como a Central de Recepção de Adultos e Famílias; Coordenadorias Regionais de Assistência Social; Ministério Público; e Secretaria Especial da Terceira Idade.

Nesta realidade, a partir das observações realizadas durante inserção no campo de estágio (período de agosto 2004 a julho 2006), os residentes da instituição que têm mais independência e autonomia e, portanto, de acordo com normas internas, recebem liberação para saírem e retornarem até determinado horário. Aqueles que têm maiores limitações e não podem ausentar-se da instituição passam todo o tempo do lado de dentro dos “muros”, mas estão em contato com os outros idosos, profissionais e comunidade que circulam e atuam internamente. Ainda, os meios de comunicação, apesar de certas críticas quanto ao papel dominador e de reprodução da ordem dominante, contribuem na disseminação de informações e representam um contato ainda que impessoal com o ambiente externo.

Como um contraponto à realidade do abrigo especificamente aqui abordado e à idéia de que somente os idosos que não têm condições financeiras vão para as instituições asilares, Almeida (2005) considera também as situações de idosos com boas situações financeiras que são abandonados pela família, perdem vínculos familiares ou ainda escolhem livremente as casas de repouso. Então, para que um

idoso esteja no abrigo, as condições são bem diversas e não se restringem aos aspectos econômicos.

E com todas as diferenças de condições objetivas e subjetivas dos indivíduos idosos influenciam para que a experiência de estar num asilo possa ser percebida e vivenciada de diversas formas.

No entanto, a imagem reproduzida socialmente desses espaços está associada ao lugar sombrio e do abandono, para a espera da morte.

O interessante é ressaltar que espaços destinados a idosos, inclusive como na realidade estudada, onde uma instituição de asilamento oferece outras modalidades de atendimento ao idoso, são ricos em desenvolver capacidades diversas e propiciar a socialização de grupos através de atividades entre idosos e na perspectiva da intergeracionalidade. Dessa forma, podem contribuir para mostrar o quanto estes indivíduos podem se manter atuantes por longos anos de vida, se puderem criar, participar, socializar e serem respeitados nos seus direitos para uma vida digna.

Goldman (2004) contribui nesse sentido:

Mesmo os espaços restritos, como as instituições asilares, podem oferecer aos seus idosos atividades que os insiram na sociedade, como idas a museus, centros culturais, cinemas, teatros, festas e passeios diversos. Outra possibilidade é trazer para o interior das instituições programas de lazer e de cultura que permitam a troca de experiências intra e intergeracionais. (p. 70)

A fim de fomentar um pouco mais as reflexões sobre o processo de asilamento, os trechos a seguir, extraídos do Diário de Campo no período de estágio na instituição analisada (CPSACR), remetem às dimensões negativa e positiva desse processo, como seguiram as reflexões sobre as contribuições de Debert.

Quanto à dimensão negativa:

Hoje, fui ao Rio Simples (na Central) com a assistente social T. e sete idosos. Para alguns, fomos solicitar isenção para segunda via da Certidão de Nascimento e para outros, requerer a Carteira Profissional. (...) Para os idosos é importante retirar tais documentos a fim de garantir seus direitos enquanto cidadãos e buscar a garantia do direito social ao BPC (Art. 10º e art. 34 do Estatuto do Idoso). Numa observação sobre à ida ao Centro, percebi o quanto os idosos do Abrigo (principalmente estes que apresentam média dependência, e portanto, não saem da instituição sozinhos freqüentemente) ficam meio “perdidos” e desorientados quando saem, à espera da orientação de outro. Refleti sobre tal questão, em relação ao processo de asilamento que traz como pontos negativos a padronização; o controle; a inibição da liberdade

individual; contribui para a perda da individualidade; a dependência; entre outros aspectos, apesar de ser uma alternativa para aquele que não têm familiares ou são abandonados.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 02/05/2005, SOBRE O CPSACR.

Quanto à dimensão positiva:

Pela primeira vez estive no Abrigo num sábado. Foi uma experiência interessante!

Os alunos e diretor da Faculdade de Serviço Social S. foram conhecer a instituição; assistiram apresentação de música dos idosos; ouviram o assistente social D. numa palestra sobre a história do Abrigo e atuação do Serviço Social lá; conheceram também o Centro de Convivência. Percebi que eles gostaram muito do espaço institucional e do que é oferecido lá. (...) Para os idosos também foi muito bom esse contato com os alunos da faculdade. Eles ficam felizes e se sentem valorizados em apresentar o que fazem para as pessoas que os visitam.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 17/09/2005, SOBRE O CPSACR.

Após realizar uma análise sobre o processo de asilamento, propõe-se um estudo mais aprofundado sobre o Centro de Convivência, sobretudo com foco na proposta dessa modalidade de atendimento estar integrada ao espaço da instituição asilar.

O Centro de Convivência deve se constituir num espaço de interação e encontros, e propiciar ao idoso uma reintegração sócio-política-cultural, a partir de ações integradas de diversos profissionais, numa proposta interdisciplinar para a promoção do envelhecimento. Deve contar também com investimentos públicos para sua concretização, enquanto modalidade de atendimento de uma política específica para o idoso.

De acordo com a concepção de SILVA (2003): "*O objetivo da implantação de um Centro de Convivência deve ser atender aos idosos das comunidades vizinhas, promovendo o fortalecimento de práticas associativas, produtivas e promocionais, e restituir ao idoso o seu sentimento de cidadania*". (p. 10)

E ainda:

Um Centro de Convivência deve ser um espaço estimulante para a troca de experiências, mediado por uma instância pedagógica, que oriente e canalize ações, registrando-as em benefício do grupo. Os indivíduos devem ser estimulados a saírem de suas trincheiras pessoais e incitados, por meio de estratégias e conteúdos de reflexão, a colocar seus talentos a serviço de uma comunidade mais ampla, na qual ele se veja refletido. (SILVA, 2003, p. 13)

Segundo Nunes (2001), nos últimos anos houve um aumento significativo de espaços com grupos de idosos e centros de convivência. Um exemplo importante que a autora aponta é da realidade do SESC (Serviço Social do Comércio), desde a década de 1960, como sendo pioneiro no trabalho de lazer e cultural com idosos, e também trazendo palestras e debates sobre temas relevantes acerca do processo de envelhecimento.

Os programas culturais e de lazer para a terceira idade contribuem no sentido de dar maior visibilidade a uma imagem dos idosos de realizações, capacidades e atividades, desconstruindo a imagem do idoso incapaz e decadente.

No entanto, a autora coloca que mesmo com a existência de tais programas, ainda há na sociedade um grande contingente de idosos que sofrem um processo de exclusão social. Esta entendida sob várias dimensões, conforme explica Queiroz (1999)¹⁵ *apud* Nunes (2001):

A exclusão social se dá nas dimensões econômica (perda do poder aquisitivo, com baixas aposentadorias e pensões), política (pois não têm respeitados seus direitos de cidadãos), social (quando ocorre o isolamento social, na medida em que as estruturas de sociabilidade que desenvolvemos estão centradas no trabalho e na família e, secundariamente, nas relações de vizinhança, por exemplo) e cultural (pela desvalorização da memória e da lembrança).

Desta forma, a proposta de desenvolvimento dos Centros de Convivência para idosos e ampliação de espaços nas Universidades, com programas específicos para esse segmento e sua integração com outras gerações, principalmente a partir da década de 1980, corresponde a uma tentativa de mudar o processo de exclusão do sujeito idoso.

Diante da realidade dos idosos de baixa auto-estima e da reprodução de uma imagem negativa, os programas para este segmento, como do Centro de Convivência têm a proposta de estimulá-los a participarem, colocarem suas opiniões, desenvolver novas habilidades e novos conhecimentos, ampliar rede de relações e buscar um novo significado para a velhice.

¹⁵ QUEIROZ, Z.P.V. Participação Popular na velhice: possibilidade real ou mera utopia? *Revista O mundo da Saúde*, ano 23, v.23, nº 4, p.204 – 213, jul./ago. 1999.

Assim, analisar estes espaços para idosos residentes em asilos é refletir sobre tal proposta para a realidade descrita anteriormente, e ainda considerar aspectos relevantes do asilamento que dificultam uma maior participação.

Cabe considerar a relevância de que este espaço busque atender os idosos em variadas dimensões do envelhecimento, através de um trabalho integrado da equipe multidisciplinar, na proposta de olhar a velhice sob múltiplos aspectos.

No entanto deve-se buscar o trabalho interdisciplinar, que enfrenta muitos obstáculos para se realizar na prática das instituições, vide a própria dificuldade de assegurar a intersectorialidade das políticas sociais previstas na PNI, num plano macro.

Propõe-se aqui refletir sobre a proposta de um trabalho interdisciplinar para o Centro de Convivência, visto que nele atuam diferentes profissionais com seus saberes específicos sobre as múltiplas dimensões do envelhecimento. Para refletir sobre a necessidade de um trabalho integrado e articulado, sem perder de vista as especificidades de cada área nem a totalidade, é imprescindível trazer estudos sobre o enfoque interdisciplinar, com as possibilidades e limites para a sua realização na prática das instituições.

Para Vasconcelos (2002) as práticas interdisciplinares constituem-se na interação crescente entre os profissionais, pactuando um projeto comum ao grupo de campos de saber conexos; pactuação de uma orientação política e de valores. E coloca alguns obstáculos para a concretização dessas práticas como as organizações corporativas, a cultura profissional, a estrutura das políticas sociais nas competições por recursos, a deterioração das condições atuais de trabalho, entre outras.

De acordo com Severino (1989), a proposta interdisciplinar ainda não se concretizou na prática, mas faz parte de uma busca incessante por parte de muitos pensadores e profissionais:

todo investimento que pensadores, pesquisadores, educadores, profissionais e especialistas de todos os campos de pensamento e ação fazem no sentido de uma prática concreta na interdisciplinaridade, representa um esforço significativo rumo à constituição do interdisciplinar. (p.11)

Com base na visão do autor, o Positivismo assume o ônus de ter contribuído para a fragmentação do saber na contemporaneidade, através de toda sua ideologia que influenciou as Ciências. Ao passo que a proposta de uma visão interdisciplinar e

unificada constitui-se num grande desafio no âmbito da teoria e na prática interventiva ou de pesquisa.

A explicação sobre a necessidade de ter uma visão interdisciplinar está em: *“O homem é uma unidade que só pode ser apreendida numa abordagem sintetizadora e nunca mediante uma acumulação de visões parciais”*. (SEVERINO, 1989, p.17)

O mesmo autor ainda sinaliza para o cuidado que se deve ter na perspectiva da interdisciplinaridade de não ocultar as especificidades e diferenças, mas reconhecê-las e perceber como estas podem se complementar para uma abordagem dos diferentes aspectos do real.

A partir da discussão mais teórica da proposta de interação das diferentes áreas, uma reflexão sobre a realidade do trabalho de equipe multiprofissional do Centro de Convivência da instituição abordada (CPSACR) poderá ser realizada articulando o referido debate teórico às observações feitas em campo de estágio e às entrevistas com idosos e profissionais, que serão analisadas no próximo capítulo, a fim de identificar dificuldades e possibilidades para a prática integrada e construção de um projeto coletivo.

Além da proposta interdisciplinar, um Centro de Convivência, inserido em instituição integral de longa permanência, deve visar, sobretudo, uma tentativa de romper com as padronizações, rotinas enraizadas, acomodações, ociosidade, isolamento, perda de identidade, e em contrapartida desenvolver a autonomia, a participação social, interação e sociabilidade dos idosos no âmbito institucional e com a comunidade externa que os cerca, integrá-los com as demais gerações na perspectiva de eliminar preconceitos, valorizar suas experiências e produções, enfim, reconhecê-los enquanto cidadãos portadores de direitos e com papéis definidos socialmente.

Na instituição específica do CPSACR, esta modalidade funciona de segunda à sexta das 8 às 17 horas, e conta atualmente, com a participação de cerca de 180 idosos residentes na instituição e 50 pessoas da comunidade em atividades diversas e oficinas.

As atividades oferecidas pelo Centro de Convivência distribuem-se em artísticas, culturais, educativas, sociais, físicas e outras. Tais como: leitura, cinema, palestras, passeios, pescaria, eventos, jornal, música, dança sênior, papel reciclado,

cestaria, cartonagem, pintura em tecido, fuxico, crochê, sabonete, oficina da memória, estimulação, bingo, jogos, participação social, teatro, tapeçaria, e outras.

Os produtos confeccionados nas oficinas são expostos e vendidos, gerando assim uma renda para a manutenção de outros trabalhos, e uma parte voltada para o idoso, em dinheiro ou passeios.

Portanto, esta modalidade de atenção ao idoso tem por objetivo contribuir para ampliação dos vínculos sociais, buscando desmistificar a associação da velhice à doença e à decadência, e fortalecer a autonomia, a sociabilidade e o bem-estar do idoso.

Para mim o Centro de Convivência é a melhor proposta para melhora da qualidade de vida do idoso (Terapeuta Ocupacional, 32 anos)

O estudo proposto sobre o Centro de Convivência, lotado no Centro de Promoção Social Abrigo do Cristo Redentor, partirá da análise de três eixos principais: Lazer, Participação Social e Intercâmbio Geracional.

O conceito de lazer segundo o sociólogo francês Dumazedier¹⁶ (1973, *apud* RIBEIRO, 2004, p. 33) caracteriza-se como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (p. 20)

A proposta deste estudo é considerar o lazer de forma ampla, com funções para além do caráter exclusivo de repouso e descanso. O lazer para os idosos não deve ser confundido apenas com recreação, sendo uma atividade com fim nela mesma.

De acordo com Reis e Soares (2006), a proposta ampla de lazer tem por objetivos – promover a sociabilidade, desenvolver culturalmente, trazer informação e formação, ampliar conhecimentos, enriquecer com novas experiências, integrar gerações, desenvolver a participação, além dos benefícios ao bem-estar físico e mental.

Com base no Estatuto do Idoso (2003), no que se refere à educação, cultura, esporte e lazer:

¹⁶ DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. Ed. Perspectiva S. A. 1973, São Paulo.

Art.20 - O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. Art.21 § 2º - Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Os artigos expressam o lazer como uma forma de desenvolver informação e formação, a participação social e a capacidade criadora. Além da importância de integração entre as gerações, através da troca de conhecimentos e experiências. No entanto, as atividades de lazer oferecidas aos idosos devem contemplar os interesses e necessidades específicas da sua realidade.

Os grupos de idosos, através de atividades físicas, recreativas e culturais, propiciam aos seus participantes, formas de desenvolverem habilidades e criarem, obtendo, dessa forma, auto-suficiência do grupo e dos seus integrantes individualmente.

Assim, o lazer é importante para o envelhecimento, compreendido enquanto um fenômeno multidisciplinar, como consideram Reis e Soares (2006), que poderá possibilitar mudanças nas condições de vida e comportamento dos indivíduos, que passam a viver com mais qualidade de vida. Desse modo, as autoras pensam no idoso como sujeito atuante, passível a vivenciar novas experiências, além de evitar ou mudar situações de isolamento social.

Enquanto um fenômeno multidisciplinar, o lazer desenvolve diversos fatores e os ganhos para os indivíduos refletirão na sociedade em geral, à medida que promove o envelhecimento e rompe com estereótipos. Ainda, será interessante acrescentar a esta reflexão a proposta de que se busque efetivar a interdisciplinaridade também através das ações no lazer, conforme preconiza a PNI no princípio da intersetorialidade e considerando a heterogeneidade do envelhecimento.

No entanto, há pessoas que não têm oportunidade de desenvolverem atividades que lhes dão prazer, em função do cansaço proveniente do trabalho excessivo por longo tempo, desconhecem e acham desnecessária outra atividade além do trabalho. Principalmente com os idosos que muitas vezes sentem-se cansados e sem estímulo para realizarem atividades, pelos longos anos que trabalharam; passam a ficar apenas deitados e/ou em suas casas, no isolamento

social. O idoso vive um período da vida com maior tempo livre, mas a conquista desse maior tempo nem sempre é valorizada ou ainda há idosos que não podem aproveitar esse tempo, pela necessidade de voltar ao mercado de trabalho ou assumir responsabilidades junto às famílias.

Dessa forma também analisam as autoras Reis e Soares (2006) que “a sociedade valoriza o tempo do trabalho e não considera as vivências adquiridas no tempo do não trabalho”.

Cabe situar o lazer na sociedade moderna, em relação à questão do acesso e à forma diferenciada com que é possibilitado entre as camadas mais privilegiadas e para as mais pobres, estas últimas, com menores oportunidades para usufruírem as opções de lazer.

Para muitos idosos, as condições econômicas não são favoráveis ao lazer pela queda da renda com a aposentadoria e ainda, maiores gastos com remédios, alimentos, etc; alia-se a essas questões, a dificuldade de locomoção e acesso a alguns espaços de lazer; e pouca informação disseminada acerca dos programas e equipamentos de lazer.

Neste sentido, o Estatuto do Idoso garante alguns direitos ao lazer, através do artigo 23 citado a seguir, como uma conquista para os idosos na ampliação do acesso, mas ainda insuficiente para uma grande maioria da população:

Art. 23. - A participação do idoso em atividades culturais e de lazer, será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

O Centro de Convivência é um espaço legítimo para a garantia do lazer gratuitamente, que já prevê o Estatuto do Idoso (2003).

Em relação a esse estudo, Andaki e Silva¹⁷ *apud* Reis e Soares (2006) contribuem na defesa de que todos possam ter o acesso ao lazer garantido e ainda, que possam participar do planejamento das ações públicas:

[...] a responsabilidade de propiciar à população a vivência do lazer é prioritariamente do Estado, é o poder público quem deve elaborar e executar ações, e que estas sejam preferencialmente planejadas com a participação dos cidadãos, para que estes se sintam co-autores, dividam a

¹⁷ ANDAKI, Alynne Christian Ribeiro & SILVA, Silvio Ricardo. **O lazer e seus conteúdos culturais em uma política Municipal- um estudo de caso.** 14 ENAREL. 13 a 16 de Nov. (2002) UNISC. Santa Cruz do Sul - RS. Brasil. (On line) p. 1 Acessado em 05/05/05 www.efdeportes.com.br

responsabilidade com os gestores, exerçam sua cidadania, e ainda tenham políticas que atendam verdadeiramente seus interesses.

Diante do exposto, algumas contribuições que as atividades de lazer propiciam aos idosos foram assinaladas, e ainda merecem destaque as melhorias que estas podem proporcionar à capacidade funcional, à parte física, possibilitar descoberta de novas habilidades, incentivo à criatividade, socialização e realizar atividades que não puderam ser plenamente satisfeitas no tempo do trabalho.

O Centro de Convivência é muito bom. Fazia artesanato antes de vir para o Abrigo e aprendi a fazer coisas que não sabia antes. (idoso, 66 anos)

Portanto,

faz-se necessário minimizar para o idoso as barreiras de acesso ao lazer, uma vez que a inserção do lazer na vida desses indivíduos constitui-se como uma prática relevante, na medida que por meio do lazer pode desenvolver-se pessoalmente assim como refletir e intervir na realidade em que estão inseridos. (REIS e SOARES, 2006)

Os trechos a seguir, extraídos do Diário de Campo, são relatos de observações no Centro de Convivência do CPSACR, em momentos distintos, quando na primeira situação há maior envolvimento dos idosos nas atividades e, na segunda descrição, a realidade de idosos que não participam, embora inseridos no mesmo espaço.

Neste dia assisti à seresta realizada pelos idosos com a professora de música R. e achei bastante interessante o trabalho realizado por eles. Os idosos cantavam músicas antigas, de suas épocas; e ficavam bastante entusiasmados ao cantarem e tocarem instrumentos. Aquele momento era repleto de emoção e todos ali estavam envolvidos e compenetrados nas canções. Percebi o quanto é bom e importante preservar a memória antiga; resgatar isso e trocar com as novas gerações.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 14/09/2004, SOBRE O CPSACR.

Iniciei entrevistas no Pavilhão WK. Este pavilhão abriga alguns idosos independentes, mas também, muitos de média dependência e poucos de totalmente dependentes. Ao entrar lá, percebi que muitos idosos permanecem acamados por muito tempo e não estão estimulados a saírem e participarem das atividades do Centro de Convivência. Alguns, que entrevistei, mostraram maior interesse e são mais participativos. Refleti sobre a necessidade e importância de desenvolver algum trabalho da equipe das atividades e do Abrigo como um todo, para estimular esses idosos que não vão até o Centro de Convivência, mas que podem desenvolver algum trabalho interessante e despertar interesses. Alguns idosos não saem por impossibilidades físicas, mas outros, por estarem muito tristes, deprimidos, e sentirem vontade de ficar isolados, sozinhos no leito.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 18/10/2004, SOBRE O CPSACR.

Outro aspecto importante se traduz no desdobramento que a inserção dos idosos neste espaço pode assumir, ampliando a participação no seu cotidiano. Os idosos podem multiplicar os conhecimentos adquiridos, estimular outras pessoas, envolver-se em outras atividades na sociedade, discutir e refletir sobre os direitos sociais, desenvolver um pensamento mais crítico, enfim participar mais ativamente da realidade social, buscar meios de mudá-la e contribuir para a reconstrução de uma imagem mais valorizada da velhice.

Silva (2003) aponta: *“Tudo deve ser valorizado e tudo deve ter como meta a busca de uma satisfação plena da experiência de vida.”* (p. 15)

Essa forma de viver a velhice contribui para que o segmento idoso possa repensar sobre os estereótipos presentes na sociedade e buscar reconstruir imagem como cidadãos.

Especificamente sobre o aspecto da participação social, a Política Nacional do Idoso, em seu primeiro artigo, declara: *“a Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”*.

No entanto, a distância entre o texto e a concretização da participação social dos idosos na garantia de seus direitos sociais, remete à importância de se trabalhar essas questões nos espaços onde se desenvolvem os programas para idosos. Isso, através de palestras, passeios, debates, que estimulem os grupos à participação social e política. Assim:

entendemos que o modo como podemos ajudar no avanço dessas questões tem a ver com o desenvolvimento de ações de participação social nos programas de terceira idade, sejam eles grupos ou centros de convivência, clubes de maioridade e, mais especificamente, programas de universidade de terceira idade. (NUNES, 2001)

Com base em diversos autores, dentre eles Nunes e Peixoto (1994) e Frutuoso (1996)¹⁸ *apud* Nunes (2001), a defesa de que os programas de idosos atingem mudanças em seus participantes quanto ao resgate da auto-estima, superação de doenças, recuperação da memória, propiciando novos conhecimentos

¹⁸ NUNES, A.T.G.L. e PEIXOTO, C. Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social / UERJ, 1994 (mimeo). FRUTUOSO, D.L.F. *A terceira idade na universidade: estudo do campo de representação*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação/ UFRJ, 1996 (datilografado)

e o desenvolvimento de novas habilidades. E também possibilitam o desenvolvimento da sociabilidade. Este último aspecto é relevante para a discussão sobre a promoção de maior participação social dos idosos, na medida estes espaços têm favorecido o associativismo entre os idosos. Conforme Silva: *"Promover a solidariedade e a cooperação pode ser estratégia eficaz para se contrapor à hegemonia da competição capitalista, que isola os indivíduos e cria tantas misérias no mundo"*. (2003, p. 22)

Ammann (1979) destaca a importância da informação para uma maior participação nesses espaços, no sentido de mobilização para o avanço das políticas sociais:

A informação é a condição que subsidia os segmentos nas escolhas a partir de seus interesses e necessidades. Um segmento informado pode contribuir mais com o programa, na medida em que conhece a proposta, a forma de acesso ao serviço, os profissionais envolvidos, participando e também informando sobre as políticas sociais e o acesso aos seus direitos sociais. (p.38)

Na perspectiva de construção de espaços de lazer e culturais, que também propiciem a participação social e política, o Centro de Convivência do CPSACR realiza atividades como as palestras com temas variados, sobretudo na área do envelhecimento, e a oficina de Participação Social e Cidadania, através de reuniões e debates com um grupo semanalmente, com a proposta de ampliar informações e conhecimentos, mobilizar o grupo e fomentar o pensamento crítico acerca da realidade.

A participação de uma idosa na Oficina de Participação Social. Ao término da atividade percebi que ela estava mais participativa, melhor integrada às atividades do Abrigo. (Assistente Social, 42 anos)

Sobre a proposta de realizar palestras e oficinas no CPSACR:

Teve início um curso de capacitação para pessoas que trabalham com idosos no Abrigo. Participaram não só funcionários e estagiários, mas também pessoas da comunidade, idosos do Centro Dia e idosos residentes. O curso será realizado em três dias, com um cronograma de palestras pela manhã. (...) O primeiro dia de palestras já foi bastante interessante e com questões bastante diversas sobre o tema do envelhecimento, mas com o principal objetivo de esclarecer e despertar o interesse dos profissionais e das pessoas em geral por buscar cada vez mais conhecimentos sobre tal processo da nossa realidade.
TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 04/10/2004, SOBRE O CPSACR.

O curso tem sido bastante proveitoso e trazido uma gama de conhecimentos bastante ampla. Concluí que estudar o processo do

envelhecimento é deparar-se com variadas questões e um processo riquíssimo, mas que muito precisa ser estudado e compreendido pelas pessoas.

A palestra sobre Aids e o Idoso, da Dr^a S. trouxe importantes contribuições não só sobre a doença em si, mas sobre preconceitos, construções sociais, sexualidade, família, etc. A aids, que era uma doença mais associada aos jovens, tem afetado cada vez mais idosos. (...)

Esta palestra despertou bastante interesse e participação no debate, principalmente dos idosos que estavam presentes. Percebi que é um assunto que precisa ser bem discutido e esclarecido à população, que ainda tem muito preconceito e desconhecimento.

Ao fazer um balanço geral do curso, afirmo que esta iniciativa trouxe resultados positivos. Muitas pessoas participaram das palestras e mostraram interesse pelas informações trazidas. Esta experiência deve ser ampliada e contínua.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 07/10/2004, SOBRE O CPSACR.

Apesar dessa iniciativa bastante positiva e que integra muitos idosos desenvolvendo maior participação na instituição abordada, ainda há muitos idosos que passaram por um longo período de asilamento, e ainda que freqüentemente atividades, reafirmam uma atitude passiva e rejeição à velhice, com maior dificuldade para romper determinadas barreiras.

A idéia de integrar as gerações no espaço do Centro de Convivência reflete a necessidade de buscar romper com estigmas e preconceitos, calcados e reproduzidos na sociedade.

Acho excelente, pois o convívio entre as gerações contribuiria para melhorar a auto-estima do idoso, bem como ajudaria romper com a instalação de espaços exclusivos para idosos. (Assistente Social, 42 anos)

Ademais, são estabelecidas concorrências e disputas, fomentadas pelo mercado e estimuladas amplamente pela mídia.

O estímulo de capacitação e inserção na vida produtiva é voltado para os jovens, deixando os idosos à margem das melhores posições; a tecnologia de saúde acrescenta anos à expectativa de vida, gerando uma competição inter e intrageracional pelo mercado de trabalho (marcado por um intenso desemprego estrutural) no qual os idosos ocupam cargos de menor renda e menor prestígio, ou ainda são excluídos totalmente.

A ruptura dos estigmas e conflitos entre gerações depende de um processo complexo e da tentativa de construção de novas relações. A intergeracionalidade é um fator importante para promover a igualdade, e busca potencializar a mudança de mentalidades e desenvolver a cidadania.

Acho super interessante, porque a integração entre as gerações contribui para reverter o processo social de desvalorização do idoso em nossa cultura. (Técnica de Lazer e Coordenadora do Centro de Convivência, 30 anos)

Portanto, revela-se a necessidade de sinalizar a importância dos papéis diferenciados de cada cidadão, considerando que os mesmos devam estar integrados para a construção coletiva de um novo projeto social.

A idéia de criar em espaços públicos uma maior integração entre jovens, adultos e idosos, numa convivência ampliada, visa uma modificação do entendimento estereotipado que as pessoas de cada segmento etário possam ter do outro, como resultado de leituras de uma sociedade excludente. Para tanto é preciso levar em consideração alguns fatores relevantes nessa interação:

Para que a interação entre pessoas de idades diferentes tenha a dimensão relevante na caminhada ontocriativa do ser humano – isto é, no uso pleno de sua capacidade de transformar enquanto se transforma na relação com o outro -, são necessários muitos fatores. Esses fatores devem garantir que a interação entre pessoas se processe através de: uma duração suficiente para sua consolidação, uma igualdade nos direitos do desempenho das atividades interativas, uma intimidade desejada entre aqueles que interagem entre si, uma complexidade desafiadora e uma cooperação cúmplice no desempenho das atividades conjuntas. (PACHECO, 2003, p.230)

De acordo com Silveira (2002), o tema da intergeracionalidade parte de uma visão positiva, na qual, os encontros propiciados por atividades para as diferentes gerações podem beneficiar não só os participantes, mas também à comunidade e sociedade em geral, contribuindo para a construção de um projeto coletivo.

Como já abordado no capítulo anterior, em relação à desvalorização social da velhice, os ideais individualistas presentes nessa sociedade capitalista contribuem para uma cultura de pouca solidariedade e reciprocidade para com os mais velhos; muitos se afastam e discriminam, desresponsabilizando-se pelo cuidar, principalmente nos casos em que os idosos são mais dependentes. Por isso, a dificuldade é o grande desafio para a proposta intergeracional.

Silveira (2002) considera a sociedade marcada pela reprodução de uma imagem negativa da velhice, e com isso busca-se afastar o processo de envelhecer, e o mito da juventude eterna é fomentado pela mídia com exibição de produtos de beleza, remédios, vitaminas geriátricas, etc.

Para mudança dessa realidade, se faz necessário um movimento que já existe, mas ainda é insuficiente, para atender a população idosa, de criação de associações, centros de convivência, UnATIs, onde se desenvolva o exercício de um

envelhecimento autônomo e valorizado. Buscar romper com as atitudes e preconceitos enraizados na sociedade. Mas que de fato, esses espaços voltem-se para uma participação mais efetiva dos idosos, na informação dos direitos e na mobilização para efetivá-los.

A autora Silveira (2002) traz relevante contribuição neste debate ao sinalizar a importância de ações no sentido de promover uma maior integração dos idosos com os demais segmentos, considerando que estas ainda são incipientes no Brasil. Dessa forma, é possível compreender que tal iniciativa poderia contribuir para a valorização do papel dos idosos e convivência mais respeitosa entre as gerações.

É importante considerar que as relações entre gerações sofrem mudanças ao longo do tempo, influenciando e recebendo influências sociais e culturais. Além disso, é preciso refletir sobre a realização dos encontros intergeracionais, visto que interesses, concepções, experiências, são bastante diferenciados. Inclusive a mesma autora destaca a importância desses encontros não se reduzirem à tentativa de criar relações de amizade por semelhanças ou identificações, pois há diferenças concretas e peculiaridades das faixas etárias, que devem ser respeitadas.

Acho positiva. Pode-se trabalhar o respeito mútuo entre essas gerações. Por que não? Acho que pode ser feita muita coisa misturando as gerações e aprender a lidar com cada fase da vida. (Terapeuta Ocupacional, 32 anos)

A proposta é trabalhar o respeito a essas diferenças, o convívio que pode propiciar projetos e interesses em comum e aprender a incorporar novas realidades através da troca.

E assim, nos grupos, os sujeitos participantes devem ser envolvidos em todo o processo, desde a escolha das atividades, planejamento, participação e avaliação, na busca de ações conjuntas e que atendam à realidade de cada grupo.

A reflexão de Novaes (1999) aponta benefícios que as práticas intergeracionais podem trazer:

Contradições e incertezas estarão sempre presentes, cabe aos homens encontrarem caminhos e alternativas que viabilizam a expansão do conhecimento e do saber com vista à promoção e ao bem estar social de todos, além da construção de um mundo mais justo, humano e criativo. (p. 37)

As trocas intergeracionais já existem nas relações sociais, mas de forma a reproduzirem e reforçarem a intolerância. As iniciativas aqui propostas são no sentido de mudar essa realidade.

O Estado, com o dever de garantir os direitos sociais, também deve incluir nas políticas sociais, enquanto materialização desses direitos, ações que busquem essa integração, considerando que a velhice é uma realidade cada vez mais presente na nossa sociedade.

Doravante, as pessoas idosas já não são apenas as guardiãs da memória coletiva das instituições. São também criadoras de uma nova economia, de uma nova sociedade e de uma nova cultura, que interessam a todas as gerações e às relações entre elas. (DUMAZEDIER¹⁹ *apud* FRANÇA e SOARES, 1997, p. 153).

Diante da escassez de espaços e poucos investimentos voltados para o intercâmbio geracional, salienta-se a relevância de analisar experiências concretas, a fim de propor maiores investimentos nessa interação. É importante considerar que todas as relações sociais são permeadas por conflitos, mas as divergências podem e devem ser trabalhadas nos grupos de convivência, com possibilidades de trocas de conhecimentos e aprendizados.

Nos caminhos intergeracionais, as idéias podem ser concretizadas e tornarem-se possíveis, se houver investimento do Estado, envolvimento dos idosos, dos profissionais e da sociedade como um todo. Assim, Silveira (2002), destaca tal possibilidade: *“Um tanto de sonho, um tanto de desejo que poderá passar da utopia para a realidade, não somente para os idosos, mas para que se possa vislumbrar melhores dias para todos”*.

Em relação à realidade do Centro de Convivência do CPSACR, a efetividade da proposta de integrar gerações ainda é muito incipiente, e essa afirmação, parte das observações realizadas a partir da inserção em campo de estágio por período de dois anos.

Neste período, algumas atividades pontuais propiciaram encontros intergeracionais, e em algumas oficinas foram ocupadas vagas destinadas à comunidade por pessoas de gerações mais jovens, no entanto ainda é uma participação tímida; inclusive há ainda baixa participação da comunidade como um todo nas atividades do Abrigo.

¹⁹ DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. Ed. Perspectiva S. A. 1973, São Paulo.

Assim, acredita-se que um planejamento que insira proposta de atividades contínuas, com estímulo à participação comunitária, buscando atender a interesses comuns, seria uma forma de viabilizar melhores resultados nesse sentido, visto que as poucas realizações com vários segmentos etários foram avaliadas como muito positivas por todos – idosos, profissionais e demais gerações.

Minha supervisora me falou sobre a atividade do Colégio Pio XI com os idosos do Abrigo. Uma turma de aproximadamente 30 crianças foi ao abrigo fazer doação de latas de leite e passaram uma tarde no Centro de Convivência realizando atividades junto aos idosos. Depois de conhecerem o espaço, as crianças e idosos ouviram a história do Abrigo por um assistente social. Em seguida, os idosos da “Prata da Casa” tocaram instrumentos e cantaram músicas do seu tempo e músicas infantis para as crianças. Algumas crianças também subiram ao palco para cantarem com os idosos, músicas infantis. Foi uma atividade muito interessante na proposta de integrar as gerações!

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 14/09/2005, SOBRE O CPSACR.

Uma menina adolescente da comunidade, que já está participando (há uma semana) da oficina de instrumentos musicais, no Centro de Convivência, veio preencher a ficha de cadastro comigo. Ela gosta de música e está aprendendo a tocar violão.

Achei muito interessante a idéia de integrar jovens da comunidade nas oficinas com os idosos. Isto trará ganhos tanto para os jovens quanto para os mais velhos. A menina me pareceu bastante entusiasmada com a oficina, da qual ficou sabendo por um idoso do Abrigo, quando freqüentou o espaço num curso de matemática.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 22/08/2005, SOBRE O CPSACR.

Com base nas análises realizadas neste capítulo, acerca do processo de institucionalização na velhice e a proposta do Centro de Convivência inserido no espaço do asilo, como forma de romper com estereótipos e evitar o isolamento social, o próximo capítulo apresentará análises mais profundas sobre a realidade do CPSACR, a partir das entrevistas feitas com idosos e profissionais; história de vida e vivências do período de estágio na instituição.

Ainda que algumas situações já foram aqui explicitadas, pretende-se abordar a proposta do Centro de Convivência de acordo com as avaliações e percepções dos próprios sujeitos envolvidos – idosos e profissionais – e relacioná-las às dimensões consideradas como positivas para uma ação de qualidade voltada ao segmento idoso.

CAPÍTULO III

A realidade do Centro de Convivência no CPSACR pela percepção e vivência dos idosos residentes e dos profissionais

O Centro de Convivência já diz a palavra: Convivência. É isso que me leva a participar sempre de grande parte das atividades. (idoso, 70)

Muita distração, divertimento, lembrando aqui meu tempo de infância. A sala da oficina onde participo é uma democracia total, uma bagunça, a gente se suja de tinta... A minha professora é uma pessoa comunicativa, conta o que passa lá fora, tá sempre atualizada...

Vamos fazer e falar o dia-a-dia, sempre traz uma coisa nova. (residente, 41)

Após realizar uma análise teórica acerca da velhice num contexto mais amplo e especificamente na perspectiva do asilamento, o enfoque na experiência de um Centro de Convivência, inserido numa instituição de atendimento integral, propõe abordar as principais possibilidades e dificuldades para o alcance do objetivo central de promoção do envelhecimento e ruptura com estigmas enraizados socialmente. Busca-se analisar esta realidade com base nas reflexões anteriores sob a ótica do lazer, da participação social e do intercâmbio de gerações.

A pesquisa consistiu numa etapa quantitativa através de coleta de dados sobre os perfis dos idosos residentes na instituição asilar CPSACR bem como levantamento dos interesses e participações no Centro de Convivência. Mas a etapa qualitativa, de maior relevância neste trabalho, permitiu uma compreensão mais próxima da realidade dos idosos, na medida que buscou analisar percepções mais subjetivas correlacionando aos dados objetivos das experiências deles no espaço do Centro de Convivência.

Os métodos e técnicas aqui escolhidos partiram do pressuposto de estarem mais adequados a uma pesquisa com abordagem predominantemente qualitativa, com vistas a fornecer uma base para um estudo aprofundado do tema e para o alcance dos objetivos propostos.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com idosos e profissionais, com questões abertas. Os tópicos pré-determinados para facilitar a sistematização e

evitar a fuga do tema, mas permitindo também o registro dos livres depoimentos dos entrevistados.

De acordo com Rizzini (1999), *“a entrevista consiste numa conversa intencional e é utilizada quando existem poucas situações a serem observadas ou quantificadas, e ainda quando se deseja aprofundar uma questão”*. (p. 62)

A consulta aos registros documentais consistiu em complementar dados sobre os idosos acerca de seus perfis, quando não foi possível obter certas informações com os mesmos; e conhecimentos acerca da instituição, a partir da sua história e de sua realidade cotidiana.

Além das entrevistas, foi realizada uma história de vida com um idoso residente no Abrigo, por considerar importante a análise qualitativa e aprofundada do aspecto da intergeracionalidade, visto que o usuário já possui uma experiência rica neste sentido fora do âmbito institucional. Então, foi importante analisar sua trajetória e a visão que tem do Centro de Convivência enquanto espaço privilegiado para o intercâmbio geracional.

Com base em Queiroz (1988) a história de vida consiste num relato do narrador sobre a sua trajetória de vida, buscando a reconstituição dos acontecimentos e experiências vivenciadas. A análise dos relatos deverá ultrapassar o caráter individual para apreender a relação da subjetividade do narrador na coletividade na qual se insere.

Como apontou Minayo (2002): *“Através desta técnica podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual”*. (p.59)

A observação sistemática fez parte de todo esse processo de investigação, inclusive, do momento inicial de escolha do tema. Não se trata de uma observação dirigida e restrita, mas de uma forma ampla, das situações cotidianas da instituição, buscando articulá-las com as reflexões críticas do contexto social. Portanto, com um olhar investigativo e crítico.

Rizzini (1999) aponta as contribuições da observação sistemática:

Uma observação cuidadosa de fatos e comportamentos proporciona dados não verbais relacionados com o tema de estudo. É possível avaliar fatores do cotidiano que têm relação com a entrevista, ajudando a situar as práticas em seu contexto cultural, de forma a se tornarem compreensíveis, propiciando, assim, capacidade para futuras intervenções no âmbito da pesquisa. (p. 70)

A pesquisa bibliográfica permitiu o contato com o que foi escrito e publicado sobre o tema estudado, com importantes contribuições para a fundamentação dos

resultados e análises. Segundo Trujillo (1974), a bibliografia tem por objetivo propiciar ao pesquisador *“o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”*. (p.230). Assim, é possível examinar um tema, sob um novo enfoque, até mesmo inovador.

Por último, a utilização dos registros no Diário de Campo contribuiu no sentido de um resgate dos fenômenos observados e analisados criticamente ao longo do período de estágio da pesquisadora na instituição; das sugestões apontadas pela própria, pelos usuários ou profissionais para a qualidade dos serviços prestados; e ainda, utilizar como base para a pesquisa, o registro de atividades e debates que tiveram êxito na proposta de fomentar a participação dos sujeitos na realidade analisada.

Sobre o Diário de Campo, Rizzini (1999) coloca que: *“O diário de campo consiste no relato escrito daquilo que o investigador presencia, ouve, observa e pensa no decorrer do recolhimento dos dados. Esses dados, anotados diariamente, podem ser refletidos num estudo qualitativo.”* (p. 73)

Neste capítulo serão analisados os resultados e dados obtidos a partir da aplicação dessas técnicas e instrumentos, considerando o enfoque qualitativo como método de pesquisa.

3.1. Análises dos resultados da Pesquisa sobre a participação e o interesse dos idosos residentes no CPSACR em atividades do Centro de Convivência

Como ponto de partida, serão brevemente apresentados resultados da primeira etapa de uma pesquisa realizada no período de estágio; esta, predominantemente quantitativa, embora com dimensão qualitativa também, iniciou pela necessidade de obter uma estatística completa e real da participação dos idosos residentes nas atividades do Centro de Convivência, visto que, os dados coletados não possibilitavam tal dimensão.

A intenção será analisar com maior profundidade a etapa posterior desta pesquisa, com enfoque mais qualitativo e com a idéia principal de utilizá-la para a realização deste trabalho.

Assim, a primeira etapa, de outubro de 2004 a março de 2005, consistiu no levantamento de dados sobre as participações e interesses dos idosos residentes

por atividades diversas oferecidas pelo Centro de Convivência do Centro de Promoção Social Abrigo do Cristo Redentor e/ou por outras. Tal levantamento foi realizado através de entrevistas semi-estruturadas com os idosos residentes do CPSACR.

O registro abaixo, no momento inicial das entrevistas, traduz a expectativa e a reflexão de que a pesquisa pudesse de fato vir a contribuir para o trabalho realizado no Centro de Convivência.

Durante as primeiras entrevistas, alguns idosos falaram também sobre histórias e experiências de vida. Pude conhecer um pouco mais sobre eles, aprender também com suas experiências e trocar idéias. Foi uma oportunidade para buscar no passado algum interesse e preferência do idoso. Ouvi relatos sobre trabalho, viagens, família, forças armadas, problemas com documentações, problemas de saúde, etc.

Não foi possível realizar entrevistas com alguns idosos que não falavam ou tinham algum outro comprometimento.

No primeiro dia de realização das entrevistas posso fazer um balanço bastante positivo. Apesar de reconhecer que este será um trabalho árduo e cansativo, e que levará um bom tempo para entrevistar todos os idosos, tenho certeza de que será um meio muito rico para alcançar resultados satisfatórios. Poderemos fazer uma estatística real e analisar as atividades que estão sendo oferecidas, os interesses dos idosos e buscar sugestões para integrar cada vez mais os idosos em atividades prazerosas, que propiciam maior participação. Também poderei conhecer mais sobre os idosos, perfis, experiências de vida, escolhas, etc.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 19/10/2004, SOBRE O CPSACR.

A tabela (Tab. 1) a seguir mostra a abrangência das entrevistas. Alguns idosos não foram entrevistados (54) por apresentarem comprometimentos físicos e/ou mentais que os impediam de responder e mesmo compreenderem as questões.

Tabela 1. Distribuição do número de idosos entrevistados e não entrevistados

Pavilhões	Total de idosos	Idosos entrevistados	* Idosos não entrevistados
Wolf Klabin	61	50	11
São Lucas	*43	23	20
São José	58	50	8
França Filho	49	35	14
São Luiz Gonzaga	39	38	1
Santa Isabel	55	55	0
Total do Abrigo	305	251	54

* Feminino – 24 / Masculino – 19

- Idosos que não tiveram condições físicas e/ou psicológicas para responder a entrevista.

É imprescindível traçar o perfil de cada pavilhão do Abrigo, onde residem os idosos, para a compreensão da heterogeneidade e da maior ou menor participação dos idosos. Pavilhão Wolf Klabin (WK) – idosos do sexo masculino de média dependência. Pavilhão São Luiz Gonzaga (SLG) – idosos do sexo masculino, alguns independentes, e maioria de média dependência. Pavilhão Santa Isabel (SI) – idosos do sexo masculino independentes. Pavilhão França Filho (FF) – idosos do sexo feminino, algumas de média dependência, e maioria dependentes. Pavilhão São José (SJ) – idosos do sexo feminino, maioria de independentes, e algumas de média dependência. Pavilhão São Lucas (SL) – este pavilhão é misto, ou seja, uma parte de idosos do sexo feminino e a outra, de idosos do sexo masculino. Perfil de idosos dependentes, que ficam por muito tempo acamados.

A Tab. 2 demonstra a participação e/ou interesse em atividades de lazer e culturais do Centro de Convivência, segundo relatos dos idosos entrevistados. As atividades estruturadas nas entrevistas contemplaram todas oferecidas na instituição na época, incluindo as oficinas regulares (semanais e diárias) e as atividades pontuais, planejadas a cada mês.

A pesquisa ainda apresentou as atividades e oficinas de acordo com o número de participações e apontamentos de interesses dos idosos, mas serão posteriormente analisadas somente nas participações dos idosos nas oficinas.

Tabela 2. Distribuição da participação dos idosos em atividades diversas

Pavilhões	Idosos que participam	Idosos que não participam, mas têm interesse	Idosos que não têm interesse
Wolf Klabin	31	12	7
São Lucas	9	12	2
São José	36	8	6
França Filho	24	3	8
São Luiz Gonzaga	29	7	2
Santa Isabel	51	3	1
Total do Abrigo	180	45	26

Os resultados apontam para uma maior participação nas atividades dos idosos residentes no Pavilhão Santa Isabel. Estes apresentam um perfil de independência e autonomia, portanto, com mais facilidades para realizarem diversas atividades.

A maioria dos idosos do Abrigo participa de pelo menos uma atividade (180 idosos) no Centro de Convivência, no entanto, o quantitativo de idosos que participam de um grande número de atividades concomitantemente é mais reduzido.

Apesar da maior parte dos idosos que participam de atividades ser de independentes, a pesquisa mostra um levantamento expressivo de idosos dependentes ou de média dependência presentes em algumas atividades (principalmente atividades que acontecem esporadicamente). No entanto, pavilhões como São Lucas e França Filho que abrigam idosos com esse perfil, apresentaram menor número de participações, devido às características já citadas.

Em relação às diversas atividades oferecidas no Centro de Convivência, algumas ministradas diariamente, atendem a grupos menores de idosos, de acordo com suas características e interesses. Estas são oficinas como artesanatos, papel reciclado, sabonete, música, participação social, e outras. As modalidades de artesanato são mais freqüentadas por mulheres; as de estimulação, brinquedo e sabonete, por idosos mais dependentes; os homens procuram mais o papel reciclado, o jornal, a música e diversos tipos de jogos. Cabe ressaltar que isso não é uma regra das oficinas, mas ocorre devido à procura dos usuários pelos seus próprios interesses e necessidades.

Observou-se que as atividades mais freqüentadas e apontadas como mais prazerosas foram aquelas que ocorrem mensalmente ou em momentos pontuais. Estas possuem um público mais amplo e mais heterogêneo como palestras, passeios, eventos, apresentações, comemorações de aniversário, filmes... Os idosos cadeirantes participam mais nestas atividades, pois os funcionários da instituição são convocados para os levarem.

Os idosos que não participam, mas mostraram interesse em realizar alguma(s) atividade(s) (45 idosos), também preferem, no geral, as atividades pontuais em detrimento às oficinas; mas a preferência ainda maior foi pela música (mesmo aqueles que não vão ao Centro de Convivência gostam de ouvir e cantar música em seus pavilhões – 63 idosos). Também surgiram interesses bastante variados por atividades que não há no Centro de Convivência. Dentre elas, os mais variados tipos de jogos e estudar.

Idosos que não demonstraram interesse (26 idosos) representam uma minoria de opiniões em relação às atividades, e muitas vezes essa falta de interesse revela

outras questões envolvidas como trajetória de vida, doenças, falta de estímulo e outras.

Muitos idosos mais dependentes, de alguns pavilhões como Wolf Klabin, França Filho e São Lucas, mas também idosos independentes destes pavilhões e de outros como São Luiz Gonzaga e São José, permanecem acamados por muito tempo e não estão estimulados a saírem dos leitos e participarem de atividades. Dessa forma, foi apontado como importante e necessário um trabalho da equipe de cada pavilhão e da equipe das atividades para estimular tais idosos nos pavilhões, apresentar seus trabalhos e despertar interesses.

A pesquisa enfatiza o levantamento das participações e interesses dos idosos em diversas atividades, no entanto, é importante dar enfoque para as opções por não-interesses e analisar os motivos, as situações individuais que estão por trás de tal escolha.

A partir dos resultados, algumas atividades de interesses dos idosos puderam vir a ser oferecidas no Centro de Convivência, tais como diversidade de jogos (inclusive com realização de campeonatos); oficina de estudos e leitura; apresentações de músicas; diversidade de artesanatos; costuras; e outras, deixadas como sugestões: criação de histórias; desenhos; informática; teatro; e outras. É importante haver uma maior divulgação das atividades com esclarecimentos sobre as mesmas, inclusive para a comunidade, pois este é um espaço que deveria ser valorizado, receber maiores investimentos e ter mais visibilidade.

Eu acho que é bom. Me sinto bem realizado, porque procuro o máximo possível conviver com os outros do melhor modo possível. Acho que falta ter um espaço para apresentar o que é produzido ali. E dar condições de ser mais divulgado. (Depoimento de um idoso em entrevista no Centro de Convivência, 77)

Esta etapa da pesquisa foi apresentada no auditório do Abrigo para os próprios idosos, profissionais e visitantes, logo após sua conclusão. A divulgação do trabalho pôde mostrar também sua relevância para a instituição, em eventos como Congressos e Jornadas, no âmbito das universidades²⁰.

²⁰ Os resultados da **Pesquisa sobre a participação e o interesse dos idosos residentes no CPSACR em atividades do Centro de Convivência** foram apresentados no Congresso HUPE (Hospital Universitário Pedro Ernesto), no período de 22 a 26 de agosto de 2005 e na XXVII Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, em outubro de 2005.

A seguir o relato da experiência de apresentação no CPSACR:

(...) O objetivo principal desta apresentação é retornar aos idosos – atores envolvidos na pesquisa – os resultados e análises realizadas, e também estimulá-los a participarem das atividades, a partir da compreensão da importância do lazer para a qualidade de vida.

Realizei previamente um roteiro para a apresentação incluindo além do conteúdo dos slides, a minha apresentação enquanto estagiária, a proposta da pesquisa com justificativa, a metodologia (através das entrevistas com os idosos) e a realização da pesquisa em si, de outubro de 2004 a março de 2005.

(...) A apresentação foi muito boa e tranquila. Pude perceber que os idosos gostaram muito de receberem as informações sobre as entrevistas realizadas e conhecerem um pouco mais sobre a realidade do Abrigo. Ao final da apresentação, alguns idosos fizeram comentários no sentido do reconhecimento da importância do trabalho, a avaliação positiva do mesmo, agradeceram pela ideia da apresentação e apresentaram sugestões para continuidade da pesquisa, inclusive abrangendo o Centro-Dia (outra modalidade do Abrigo).

Alguns profissionais que lá estavam fizeram considerações positivas e falaram sobre a importância deste trabalho para a avaliação constante da prática e das ações. Sugeriram repassar os estudos para os demais profissionais.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 25/04 e 27/04/2005, SOBRE O CPSACR.

3.2. Análises dos resultados das entrevistas realizadas com os idosos residentes no CPSACR que participam das oficinas do Centro de Convivência

As entrevistas realizadas com idosos e profissionais do Abrigo, no período de fevereiro a junho de 2006, constituem-se numa segunda etapa da pesquisa anterior, mas caracterizada por sua dimensão prioritariamente qualitativa, à medida que buscou analisar as percepções que os sujeitos envolvidos têm acerca do Centro de Convivência, como estão inseridos lá, apontando também seus benefícios e principais problemas.

Assim, nesta etapa, as entrevistas foram realizadas somente com os idosos que participam regularmente das oficinas do Centro de Convivência (de pelo menos uma), ainda que também participem das atividades pontuais. Os idosos que freqüentam apenas as atividades esporadicamente e aqueles que não vão ao Centro de Convivência não foram contemplados nesta etapa. Quanto aos profissionais do Abrigo, somente aqueles que realizam alguma oficina com os idosos foram entrevistados.

O universo dos entrevistados contemplou 42 residentes, sendo que quatro deles não são idosos (por ainda não terem 60 anos), no entanto o foco é na população idosa, público-alvo e público-usuário da instituição²¹. E ainda, 11 profissionais do Abrigo de áreas diversas, mas que atuam no Centro de Convivência e estavam presentes no período das entrevistas.

Dados de perfil da população residente do CPSACR que participa de oficinas semanalmente no Centro de Convivência

Tabela 3. Distribuição dos entrevistados por sexo

Sexo	Nº de pessoas	Percentual
Masculino	30	71%
Feminino	12	29%
TOTAL	42	100%

O maior número de residentes freqüentando as atividades, do sexo masculino, reflete a proporção da população usuária masculina em relação à feminina na instituição. Essa realidade diferencia-se da vivência dos idosos nos espaços de lazer e culturais como Centros de Convivências e universidades abertas, geralmente ocupados por mulheres idosas na diversidade de atividades, como destacou Nunes (2001), sobre as atividades da UnATI: *“É interessante observarmos essas escolhas num espaço onde os alunos são majoritariamente mulheres idosas”*.

²¹ Atualmente, com a administração municipal, a admissão na instituição só é possível para idosos (a partir de 60 anos), mas anteriormente, em outras administrações a instituição abrigava populações vulnerabilizadas independente da idade e pessoas com deficiência mental, portanto, algumas dessas pessoas continuam no Abrigo, apesar de não serem idosas.

Tabelas 4 e 5. Distribuição dos entrevistados por idade e por tempo de residência no abrigo

Idade	Nº de pessoas	Percentual	Anos de residência no Abrigo	Nº de idosos	Percentual
40 – 45	1	2 %	Menos de 1 ano	3	7%
50 – 55	3	7%	1 ano	3	7%
60 – 65	12	29%	2 a 5 anos	15	36%
66 – 70	10	24%	6 a 10 anos	10	24%
71 – 75	10	24%	11 a 15 anos	3	7%
76 – 80	5	12%	16 a 20 anos	1	2%
81 – 85	1	2%	21 a 25 anos	2	5%
TOTAL	42	100%	26 a 30 anos	3	7%
			Mais de 30 anos*	2	5%
			TOTAL	42	100%

* Dos residentes com mais de 30 anos de permanência na instituição, um possui hoje 41 anos de idade e foi admitido no ano de 1975, estando lá há 31 anos. E o outro residente, é uma idosa de 70 anos, que está lá desde 1955, há 51 anos.

Verifica-se uma maior participação dos idosos mais jovens na faixa compreendida dos 60 aos 75 anos. A população adulta com menos de 60 anos constitui-se em minoria na instituição, visto que esta é voltada para idosos. Estes residem lá há muitos anos. Constata-se que quanto mais velhos os idosos participam menos das atividades.

O dado de tempo na instituição vem corroborar com observações realizadas no campo de estágio de que os idosos que estão por muito tempo asilados e não foram socializados com a proposta de lazer mais recente dos Centros de Convivência, tendem a ficar mais tempo nos leitos e participam pouco das atividades regulares das oficinas. O dado de pouco tempo também indica baixa frequência, visto que muitos que chegam à instituição demoram a conhecer e a ingressarem nas atividades. Assim, destaca-se a importância e necessidade de se desenvolver um trabalho da equipe profissional voltado para o estímulo aos idosos que chegam, a fim de que desde o início conheçam o espaço e o que este tem a oferecer.

É possível que muitos idosos que vivenciaram o processo de implantação do Centro de Convivência na instituição (em 2003) tenham ingressado desde já nas atividades.

A participação dos idosos deve ir muito além da simples realização de atividades de lazer. O espaço do Centro de Convivência deve oferecer oportunidades para que os idosos ampliem conhecimentos, seja reconhecido como sujeito de direitos num processo de construção da cidadania, como sintetizou Goldman (2003), explicitando que,

exercer cidadania é dar condições aos idosos de serem sujeitos de sua história pessoal e de exercerem seus direitos civis, políticos e sociais, também no plano coletivo, de participarem da vida social em todas as suas instituições e movimentos sociais e que se sintam motivados a exercer, de forma mais próxima possível, da cidadania efetiva, que dê qualidade à vida e que lhes assegure viver com dignidade. (p. 190)

Tabelas 6 e 7. Distribuição dos entrevistados por escolaridade/sexo e por frequência semanal nas oficinas

Escolaridade	Nº de pessoas		Percentual	
	M	F	M	F
Analfabeto	3	2	7%	5%
Primário incompleto	5	5	12%	13%
Primário completo	6	2	14%	5%
Ginásio incompleto	5	1	12%	2%
Ginásio completo	4	0	9%	0%
2º grau incompleto	2	1	5%	2%
2º grau completo	3	1	7%	2%
Sem informação	2	0	5%	0%
TOTAL	30	12	71%	29%

Frequência por semana	Nº de pessoas	Percentual
Um dia	5	12%
Dois dias	6	14%
Três dias	4	10%
Alguns dias	1	2%
Todos os dias pela manhã	1	2%
Todos os dias*	25	60%
TOTAL	42	100%

* Todos os dias compreendem de 2ª a 6ª feira, dias de funcionamento do Centro de Convivência.

As faixas de escolaridade mais baixas (analfabetismo e primário incompleto) estão equiparadas entre homens e mulheres, representando em torno de 19% cada. No entanto, ao analisar os níveis mais altos, os homens disparam proporcionalmente em relação às mulheres, indicando assim o contexto de exclusão social historicamente constatada de que as mulheres deveriam dedicar-se apenas à família e ao lar, não sendo destinada a elas a oportunidade de estudarem. Dessa forma, Berzins (2003) aponta: *“Ao se considerar os aspectos da velhice não podemos deixar de contemplar o recorte do gênero que é determinante inclusive do lugar que os idosos e as idosas ocupam na vida social”*. (p. 28)

Em relação à frequência semanal nas oficinas do Centro de Convivência, os idosos participantes acompanham seu funcionamento diariamente, na maioria dos casos, apesar de alguns se distribuírem também em dias específicos de acordo com os horários das oficinas. Possivelmente, os que estão todos os dias, participam de variadas atividades.

Nas entrevistas, alguns idosos manifestaram o interesse de que o Centro de Convivência pudesse expandir seu funcionamento os sábados, visto que nestes dias ficam ociosos, sem muitas alternativas na instituição. Um idoso deixou um depoimento sobre os finais de semana: *“O Centro de Convivência deveria abrir nos finais de semana. Temos necessidade de trocar idéias a todo o momento”*. (idoso, 68)

Dados de participação da população residente no CPSACR nas oficinas semanalmente no Centro de Convivência

Tabela 8. Distribuição dos entrevistados por quantidade de oficinas que participa

N ° de oficinas	SLG		SI		WK		SJ		FF		Total	
Pessoas por Pavilhões												
1 oficina	2	6%	2	5%	1	2%	2	5%	0	0%	7	17%
2 oficinas	1	2%	6	14%	2	5%	0	0%	0	0%	9	21%
3 oficinas	1	2%	6	14%	1	2%	3	6%	0	0%	11	26%
4 oficinas	0	0%	1	3%	2	5%	0	0%	0	0%	3	7%
5 oficinas	1	2%	2	5%	1	2%	2	5%	1	2%	7	17%
Mais de 5 oficinas	0	0%	0	0%	1	2%	2	5%	2	5%	5	12%
TOTAL	5	12%	17	41%	8	19%	9	21%	3	7%	42	100%

A tabela 8 demonstra a realidade de participação nas oficinas, considerando os diferentes perfis dos idosos de cada pavilhão (como já foi explicitado anteriormente neste mesmo capítulo). De um modo geral, a maioria participa de 2 ou 3 oficinas. Na análise comparativa entre os pavilhões, os idosos mais independentes (pavilhões SI e SJ) participam de maior número oficinas do que os idosos mais dependentes e de média dependência (dos demais pavilhões).

Dessa forma, geralmente associa-se a participação em atividades às condições de saúde e limitações na velhice, com devido cuidado de não generalizar,

pois existem muitos casos de idosos que participam, ainda que com suas limitações, enquanto outros bem saudáveis optam por não realizarem atividades.

Tabela 9. Das atividades e oficinas de maior interesse e participação:

Atividades/oficinas		Nº de respostas	Percentual
As atividades mais freqüentadas pelos idosos estão destacadas na tabela acima. Estas são as oficinas observadas pelos profissionais com maior número de idosos (artesanato,	Artesanato	7	13%
	Reciclagem de papel	6	10%
	Música	6	10%
	Jogos	5	9%
	Pintura	4	7%
	Passeios	4	7%
	Leitura	4	7%
	Bijouteria	3	5%
	Tapeçaria	3	5%
	Desenhos	2	3%
	Composição musical	1	2%
	Teatro	1	2%
	Cartonagem	1	2%
	Cestaria	1	2%
	Restauração de livros	1	2%
	Artes	1	2%
	Crochê	1	2%
	Tear	1	2%
	Participação Social	1	2%
	Palestras	1	2%
	Cinema	1	2%
	Todas	1	2%
	TOTAL DE RESPOSTAS	56	100%

reciclagem, música e jogos), considerando as preferências de acordo com os perfis e interesses diferenciados. Os artesanatos são realizados principalmente por mulheres, enquanto os jogos, principalmente praticados por homens. Já as oficinas de música e reciclagem abrangem um público mais heterogêneo.

Na etapa anterior da pesquisa, a música foi apontada como atividade de grande interesse dos idosos. Mesmo aqueles que não estão diariamente nas oficinas de música, participam muitas vezes, tocando instrumentos ou apenas ouvindo, na seresta que é realizada todas as terças-feiras na praça do Abrigo. Uma atividade de grande sucesso entre os idosos, inclusive valorizada externamente, em algumas apresentações dos idosos para pessoas de outras instituições.

É imprescindível que os idosos tenham acesso às mais variadas atividades de lazer, sendo importante fomentar a participação e dar orientação básica que os

permita optar pelas alternativas oferecidas pelo lazer. Segundo Melo (2003, p.70) *apud* Nunes (2001), “o lazer é um campo multidisciplinar e devem ser encaminhadas atividades ligadas aos mais diversos campos possíveis, às mais diversas linguagens”.

Tabela 10. Motivo por ter iniciado a participação no Centro de Convivência

Respostas	Nº de respostas	Percentual
Recebeu convite de funcionários	11	26%
Foi conhecer por curiosidade e gostou	7	16%
Gosta de fazer algo	6	14%
Para não ficar parado/ ocioso	5	11%
Recebeu convite de um idoso	3	7%
Gosta da parte musical	2	5%
Gosta de fazer pinturas, artesanatos	2	5%
Distrair, passar o tempo	2	5%
Para fazer amizades	2	5%
É bom se exercitar	1	2%
Gostou dos trabalhos de artesanato	1	2%
Para se envolver no ambiente do Abrigo	1	2%
TOTAL	43	100%

O motivo pelo qual os idosos começam a participar de oficinas remete muito mais ao convite de alguém ou uma curiosidade por conhecer o espaço do que um interesse específico por realizar alguma atividade. Assim, escolhem a oficina a partir

do que observam e experimentam após serem convidados por profissional ou por outro residente. *“Está muito bom. Estou tentando aprender as coisas e acho que estou. Eu cheguei e gostei, e não sei explicar porque.”* (idosa, 79)

Tabela 11. Benefícios das atividades

Respostas	Nº de respostas	Percentual
Não ficar parado	9	20%
Distrair, passar o tempo	9	20%
Estimulam o cérebro, a memória	7	15%
Traz alegria, diverte	5	11%
Adquirir conhecimentos	3	6%
Convívio com outras pessoas	3	6%
Melhora qualidade de vida	2	4%
Tudo de bom	1	2%
Ajuda o Abrigo	1	2%
Acalmar	1	2%
Nenhum	3	6%
Não sabe informar	3	6%
TOTAL	47	100%

É possível estabelecer uma correlação desta tabela com a anterior, quando alguns idosos apontaram como motivo para iniciarem as atividades a vontade de fazer algo, distraírem-se e não ficarem ociosos. Estas questões foram colocadas como maioria entre os benefícios que as atividades de lazer trazem para os idosos abrigados.

Tabela 12. O que falta no Centro de Convivência

Respostas	Nº de respostas	Percentual
Materiais/recursos para as oficinas	7	17%
Faltam mais idosos participando	3	7%
Faltam mais profissionais nas oficinas	3	7%
Melhorar a biblioteca	1	2%
Abrir com atividades nos finais de semana	1	2%
Divulgar mais	1	2%
Disciplina	1	2%
Mesa de pingue-pongue	1	2%

Não falta nada	18	43,5%
Não sabe informar	6	14,5%
TOTAL	42	100%

Os dados expressam que muitos idosos podem estar satisfeitos com o espaço do Centro de Convivência no Abrigo ou que talvez não quiseram apontar alguma dificuldade do espaço. E, segundo o que está apresentado aqui, quase metade dos entrevistados não identificaram problemas.

Dentre os que colocaram faltar alguma coisa para que se torne melhor no atendimento aos idosos, a maioria apontou a falta de materiais e de pessoas, tanto idosos e profissionais, questões identificadas também por profissionais (serão analisadas em seguida), que refletem o pouco investimento que ainda é destinado a esta modalidade dentro da instituição.

O quantitativo dos que não souberam informar também é expressivo e aponta uma ausência de reflexão e debate entre os idosos sobre problemas da realidade na instituição que precisam ser questionados a fim de buscarem soluções.

No período de estágio na instituição, algumas reflexões e registros foram realizados no sentido de denunciar tais problemas, observados constantemente no cotidiano das oficinas, inclusive, considerando que muitas outras produções e idéias criativas encontravam obstáculos que as impediam de ser realizadas com continuidade.

Refleti um pouco sobre a ausência de um orçamento fixo para o Centro de Convivência, sendo difícil planejar as ações. O Centro de Convivência dentro da instituição asilar fica à mercê dos investimentos a partir das prioridades; e este espaço fica sempre prejudicado quanto aos recursos.
TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 16/02/2006, SOBRE O CPSACR.

De acordo com o Art. 47. do Estatuto do Idoso (2003) , uma das linhas de ação da política de atendimento ao idoso: *“I – políticas sociais básicas, previstas na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994”*. Os Centros de Convivência compõem a política básica de assistência social (2004), conforme explicitado em capítulo anterior. Assim, o Fundo Nacional, criado pela LOAS e regulamentado pelo Decreto nº 1605/95, tem como objetivo: *“proporcionar recursos e meios para financiar o benefício de prestação continuada e apoiar serviços, programas e projetos de*

assistência social” (art. 1º, do Decreto nº 1605/95), de acordo com a Política Nacional de Assistência Social (2004).

Verifica-se, entretanto, uma precariedade de recursos destinados às políticas sociais, não se restringindo somente ao programa em questão e outros da Política de Assistência. E ainda, os recursos que chegam à instituição destinam-se a outras prioridades do asilamento, desvalorizando a modalidade do Centro de Convivência.

Além dos dados apresentados nas tabelas acima, a questão sobre convivência dos idosos participantes das atividades com outras pessoas de diferentes faixas etárias também foi abordada, inclusive com uma questão direcionada para a perspectiva intergeracional no Centro de Convivência.

Os idosos, quase que na totalidade das respostas, relataram ter boa ou ótima relação com os profissionais (98%); com outros idosos (93%) e com os voluntários (88%). Apenas 2% dos idosos entrevistados não se relacionam com os profissionais; 2% têm uma relação regular com outros idosos e 5% não se relacionam muito com os mesmos; 7% não conhecem os voluntários e 5% os conhecem, mas não se relacionam muito com eles.

Esse dado é relevante, pois se refere à convivência dos idosos entre si e com outras gerações. Esse é um dos objetivos do Centro de Convivência, na sua proposta de socialização e intercâmbio geracional.

E quando foram perguntados sobre o que achavam da proposta de realização de atividades para integrar gerações, e se gostariam de participar destas, 76% do total de entrevistados colocaram ser boa ou ótima idéia e gostariam sim de participar; 9% acham boa idéia, mas não gostariam de participar; 5% consideraram uma idéia mais ou menos boa; 5% não gostaram da idéia e 5% não souberam informar.

Ter em conta que tanto jovens como velhos têm algo a contribuir mutuamente é fundamental para repensarmos este período que, durante muito tempo, ficou marcado por perdas das mais diversas e, também, por um isolamento social, este último, imposto por um modelo de aposentadoria que afastava os considerados velhos de tudo que acontecia na sociedade. Somos defensores de propostas de trabalho que ampliem, diversifiquem e inovem o atendimento aos idosos, numa perspectiva sociocultural e integradora de diferentes linguagens, contribuindo para uma inserção consciente e participativa da vida social. (Alves, 2006, p. 56)

3.3. Análises dos resultados das entrevistas realizadas com os profissionais do CPSACR que realizam oficinas no Centro de Convivência

Em relação às entrevistas realizadas com os profissionais que atuam no Centro de Convivência buscou-se analisar algumas questões sobre as quais os idosos também comentaram, mas também algumas especificidades da sua experiência e prática profissionais.

Dados de perfil dos profissionais do CPSACR que realizam oficinas semanalmente no Centro de Convivência

Todos os 11 profissionais entrevistados eram do sexo feminino. Alguns poucos homens que trabalham com oficinas (num total de 2), restringem-se apenas a oficinas de jogos, freqüentadas quase que exclusivamente por idosos do sexo masculino, não estavam presentes no período das entrevistas.

Em relação às faixas etárias e formação profissional:

Tabelas 13 e 14. Distribuição dos entrevistados por idade e escolaridade

Idade	Nº de pessoas	Percentual
30 – 35	2	18%
36 – 40	0	0%
41 – 45	3	27,3%
46 – 50	3	27,3%
51 – 55	3	27,3%
TOTAL	11	100%

Formação	Nº de pessoas	Percentual
1º grau completo	2	18%
2º grau incompleto	2	18%
2º grau completo	1	9%
Superior incompleto	3	27,3%
Superior completo	3	27,3%
TOTAL	11	100%

As idades dos profissionais refletem a maioria na faixa de adultos mais maduros, inclusive, com três deles já se aproximando mais da velhice.

A formação é diversificada, pois representam cargos diferenciados na instituição com exigências de escolaridade diferenciadas.

Tabelas 15 e 16. Distribuição dos entrevistados por cargo que ocupa e por tempo de vínculo na instituição CPSACR

Cargo	Nº de pessoas	Percentual
Agente Comunitária	5	45,5%
Agente Administrativo	1	9%
Técnico de Lazer	3	27,3%
Assistente Social	1	9%
Terapeuta Ocupacional	1	9%
TOTAL	11	100%

--	--	--

Anos de trabalho* no Abrigo	Nº de pessoas	Percentual
Menos de 1 ano	2	18%
1 ano	0	0%
2 a 5 anos	7	64%
6 a 10 anos	1	9%
11 a 15 anos	1	9%
TOTAL	11	100%

* Os anos foram arredondados, desprezando os meses, considerando o ano de entrada na instituição.

Como já apontado, os cargos são bem diferenciados, e os profissionais além de muitas vezes exercerem outras funções no Abrigo, dedicam um horário semanal para realizarem as oficinas no Centro de Convivência. Outros já foram alocados exclusivamente no Centro de Convivência para realizarem e auxiliarem as oficinas, como o caso dos técnicos de lazer e agentes comunitários.

Dados sobre a realização das oficinas semanais no Centro de Convivência

Tabelas 17 e 18. Distribuição dos entrevistados por quantidade de oficinas que realiza ou ajuda realizar e por frequência de realização das oficinas semanalmente

Nº de oficinas	Nº de pessoas	Percentual	Percentual
1 oficina	2	18%	
2 oficinas	2	18%	9%
3 oficinas	3	27,3%	55%
4 oficinas	2	18%	9%
5 oficinas	0*	0%	27,3%
6 oficinas	2	18%	100%
TOTAL	11	100%	

* Todos os dias compreendem de 2ª a 6ª feira, dias de funcionamento do Centro de Convivência.

A quantidade de oficinas que realizam também reflete essa diversificação de cargos e disponibilidade de tempo dedicado ao Centro de Convivência. Assim, os profissionais que estão alocados no Centro de Convivência realizam mais oficinas, e aqueles que possuem outros cargos no Abrigo, geralmente dedicam apenas um ou dois dias na semana para o Centro de Convivência, com a possibilidade de realizarem uma ou poucas oficinas.

Os profissionais que estão um ou dois dias na semana no Centro de Convivência são os que não são alocados exclusivamente lá como Assistente Social e Terapeuta Ocupacional e os agentes Comunitários, estes últimos, por terem carga horária semanal menor e não estarem no Abrigo todos os dias. Os demais profissionais são os técnicos de lazer e agente administrativo, que cumprem carga horária todos os dias no Centro de Convivência, ainda que não realizem oficinas todos os dias.

Tabela 19. Motivo por ter iniciado a realização de oficinas no Centro de Convivência

Respostas	Nº de respostas	Percentual
Já realizava atividades no Abrigo antes do Centro de Convivência e continuou	4	36,5%
Precisou de funcionários para trabalhar nas oficinas	4	36,5%
Por acreditar no espaço para construção da cidadania, autonomia e independência	1	9%
Gosta do trabalho realizado em grupo	1	9%
Para auxiliar idosos	1	9%
TOTAL	11	100%

Os motivos para que os profissionais realizassem as oficinas remetem mais a uma questão de dar continuidade ao trabalho anterior ou por uma demanda da instituição por recursos humanos. Alguns apontaram o interesse em realizar a oficina por considerar a proposta relevante para o idoso, no sentido de promover autonomia, participação, construção da cidadania e valorizar o trabalho em grupo. No entanto, os profissionais que deram continuidade ao trabalho mostraram-se satisfeitos com a prática no Centro de Convivência e consideraram importantes as atividades para os idosos asilados.

Centro de Convivência representa algo bom para o presente e para o futuro. As pessoas têm visão errada do que é, mas é um trabalho muito bom e produtivo. (Agente Comunitária, 52)

Tabela 20. Tempo que realiza oficinas no Centro de Convivência

Tempo de realização	Nº de pessoas	Percentual
3 meses	1	9%

10 meses	1	9%
1 ano	2	18%
2 anos	1	9%
3 anos	1	9%
4 anos	1	9%
Não informou	4	36,5%
TOTAL	11	100%

Dos entrevistados que informaram o tempo de realização das oficinas, a maior parte está há um ano, no entanto as respostas foram bem distribuídas. Quem apontou 4 anos, realiza atividades desde o antigo espaço de lazer, anterior ao Centro de Convivência de 2003.

O Centro de Convivência iniciou no Abrigo em 2003. E a grande vantagem desse nascimento foi justamente a integração dos nossos idosos, um envelhecimento mais ativo, qualidade de vida e auto-estima. (Técnica de Lazer e Coordenadora do Centro de Convivência, 30)

Tabela 21. Benefícios das atividades para os idosos

Respostas	Nº de respostas	Percentual
Possibilita o convívio entre as pessoas/ socialização	6	28%
Melhorar a auto-estima	4	19%
Estimulá-los a desenvolver um trabalho/ sentirem-se úteis	3	14%
Traz alegria para eles	2	9%
Romper imagem do idoso asilado como improdutivo	1	5%
Quebrar rotina	1	5%

Descoberta de aptidões	1	5%
Visão mais otimista perante a vida	1	5%
Qualidade de vida	1	5%
Desenvolve memória e coordenação motora	1	5%
TOTAL	21	100%

Os benefícios apontados pelos profissionais demonstram o que eles vivenciam na sua prática cotidiana em relação a aspectos teóricos importantes analisados no capítulo anterior, sobre as contribuições que os espaços de lazer, com uma proposta séria, e comprometida com a promoção do envelhecimento, trazem para os idosos, distanciando-se da visão do lazer pelo lazer.

Temos casos de alguns idosos que viviam isolados no seu mundinho, sem participar de atividade nenhuma, e hoje estão em todas as atividades propostas, inclusive se preocupam com o seu bem estar, procurando melhorar seu quadro clínico quando possível. (Terapeuta Ocupacional, 32)

O Centro de Convivência ainda se encontra em fase embrionária, mas sua proposta é muito interessante. Acho que quando conseguir atingir sua meta de atendimento (200 pessoas participando das oficinas) trará a possibilidade de construir uma nova imagem sobre a velhice para os idosos residentes. (Assistente Social, 42)

Assim, a socialização, a melhora da auto-estima, a valorização e reconhecimento de que o idoso é capaz de produzir, a busca pela construção de uma nova imagem do idoso, qualidade de vida, enfim, são aspectos relevantes para evitar o isolamento social, as situações de depressão, a imagem negativa do envelhecimento, permitindo avanços numa sociedade que vive uma realidade já apontada de aumento da expectativa de vida e presença mais intensa dos idosos. Essa é uma das formas de preparação da sociedade para melhor atender as necessidades e interesses dos idosos que aqui estão, mas principalmente, pensar no futuro das gerações mais novas.

Diante das adversidades que vivemos em nosso país que tem tido crescimento acelerado da população idosa, precisamos unir esforços com outros profissionais que tenham um compromisso com a causa do idoso em termos de melhorias nas suas condições de vida, para que o idoso brasileiro não seja visto como mais um "problema social", mas sim como sujeito que tem capacidade produtiva, a fim de que, através da solidariedade entre as gerações, tenha garantia de acesso aos seus direitos sociais e poder de decisão sobre as questões que lhe dizem respeito (NUNES, 2001).

Tabela 22. O que falta/ problemas para o trabalho no Centro de Convivência

Respostas	Nº de respostas	Percentual
Faltam materiais/recursos para as oficinas	8	47%
Falta de integração entre os profissionais dos setores para levarem e estimularem os idosos	4	23%
Faltam recursos humanos	3	18%
Pouca adesão dos residentes/pouco estímulo	2	12%
TOTAL	17	100%

Os dados avaliados pelos profissionais como dificuldades para realização de um trabalho melhor no Centro de Convivência vão de encontro às respostas dos idosos que apontaram alguns problemas. A falta de materiais suficientes para realizar de forma satisfatória as oficinas e obter melhores resultados, assim como a falta de recursos humanos, refletem poucos investimentos e valorização do espaço, tanto financeiros como pouca relevância para o programa.

Quanto à falta de integração dos profissionais para um trabalho de estímulo a maior participação dos idosos rebate na percepção de que poucos idosos estão participando e têm pouco estímulo, como relatado por residentes e profissionais.

O registro a seguir reflete a inquietação no campo de estágio sobre tais questões:

Eu e minha supervisora conversamos sobre alguns problemas do Centro de Convivência, como conflitos entre a equipe, falta de participação dos idosos e falta de recursos...

Há a possibilidade de mudança na coordenação, mas minha supervisora não poderá retornar e há propostas de vir alguém de fora ou montar um colegiado; não sei se melhoraria, visto que não é possível pensar neste problema isoladamente... muitos são os fatores relacionados.

Há poucos investimentos da instituição neste espaço, tanto no sentido financeiro como de valorizá-lo; de reconhecer sua importância; falta maior apoio e integração dos profissionais de vários setores a fim de preparar e estimular os idosos a terem esse espaço como parte da sua "rotina" institucional, trabalhando ainda com a resistência de muitos; não se tem um trabalho da equipe para estimular os novos que chegam na instituição, e estes acabam se "acomodando" à rotina do asilamento (ou "isolamento"?), assim, não realizam atividades e não se socializam.

Então, a coordenação deve estar refletindo sobre tais questões, que dependem também do trabalho em equipe e do apoio institucional.

TRECHO EXTRAÍDO DOS REGISTROS NO DIÁRIO DE CAMPO DO DIA 21/03/2006, SOBRE O CPSACR.

Tabela 23. Sugestões para a melhoria do trabalho

Sugestões apontadas	Nº de respostas	Percentual
Ter mais materiais para realizar oficinas	4	29%
Buscar a participação de outros profissionais do Abrigo para estimularem os idosos	4	29%
Cursos de capacitação para os profissionais	2	14%
Buscar desconstruir imagem do idoso como improdutivo	1	7%
Desenvolver planos de ação	1	7%
Envolver a comunidade	1	7%
Ter mais funcionários com propostas de atividades para desenvolverem no espaço	1	7%
TOTAL	14	100%

As sugestões para melhoria do trabalho buscam atender às deficiências apontadas anteriormente. As questões do investimento em materiais e profissionais, tanto quantitativamente, como qualitativamente, a partir das capacitações; e o maior envolvimento dos profissionais do Abrigo na proposta do Centro de Convivência; e ainda, o maior envolvimento da comunidade no espaço; são fundamentais para que esta modalidade ganhe maior visibilidade, vislumbre maior valorização e se torne uma referência para o envelhecimento mais autônomo, participativo e com qualidade de vida. Para isto,

é preciso que nós profissionais percebamos os espaços dos programas de terceira idade como potencializadores da construção da cidadania do idoso, o que, a nosso ver, também irá contribuir para a consolidação de uma representação mais positiva da velhice em nossa sociedade. (NUNES,2001)

Assim como os idosos, os profissionais também apontaram uma boa relação de convivência. Destaca-se que 100% das respostas referem-se a uma boa relação dos profissionais com outros profissionais, com os idosos e com os voluntários.

Esse dado é relevante, pois confirma a experiência de boa relação dos idosos com os profissionais e também a possibilidade de contato e troca intergeracional.

E quando foram perguntados sobre o que achavam da proposta de realização de atividades para integrar gerações, e se gostariam de participar da elaboração e execução destas, 91% (10 respostas) acharam excelente, positiva, e gostariam de participar, e 9% (1 resposta), excelente, gostaria, já participou uma vez e deu certo. A unanimidade nas respostas reflete a aceitação da proposta por acreditarem que a

integração entre as gerações traz muitos benefícios para o envelhecimento. Já entre os idosos, apesar da maioria ter concordado com tal proposta, alguns ainda resistem à possibilidade de trocar com as demais gerações.

Pensando numa nova maneira de envelhecer, vemos a importância dada ao lazer, à prática de atividades em geral e, em especial, às atividades físicas e aos esportes, como também aos encontros intergeracionais. Todos fazendo parte das possibilidades de se alcançar os limites humanos de vida com autonomia, transformando estes novos velhos em cidadãos de direitos e deveres, respeitados pelas outras gerações. (ALVES, 2006, p. 56)

Dessa forma, a partir de análises teóricas feitas no 2º capítulo sobre o processo de asilamento e o Centro de Convivência, neste 3º capítulo, foi possível estabelecer relações entre a proposta e a iniciativa dessa modalidade de atendimento ao idoso, especificamente inserida no âmbito de uma instituição asilar. As percepções que os idosos e profissionais apontaram, em relação à vivência cotidiana no espaço, revela as possibilidades que este promove no sentido de mudanças positivas nas experiências dos idosos abrigados, mas também, as dificuldades encontradas para que este se aproxime mais da idéia de promover o envelhecimento como previsto nas legislações e debates teóricos.

No entanto, as expectativas em relação ao Centro de Convivência, como alternativa importante de atendimento aos idosos, demonstram o quanto os profissionais e idosos participantes apoiem as ações e vislumbrem novas possibilidades para que mais idosos, a comunidade e profissionais estejam envolvidos nas atividades e mobilizados a reivindicarem melhorias, a ampliação e sua valorização.

3.4. Uma História de Vida na Perspectiva Intergeracional

O idoso AJS, residente do CPSACR desde Abril/2006, relatou sua história de vida a partir de 13/06/2006 para o enriquecimento deste trabalho, com uma experiência concreta da proposta intergeracional.

Na sua trajetória de vida, o idoso contou que saiu de sua terra natal em Juiz de Fora com 14 anos de idade, e chegou ao Rio de Janeiro. Depois de dormir uma noite na rua, foi trabalhar como babá de duas crianças na casa de uma família, no bairro Tijuca. Lá ficou durante quase vinte anos. Foi voluntário, servindo o exército por um período.

Após conhecer pessoas ligadas ao futebol, quando jogava bola no Aterro do Flamengo, foi convidado para jogar no Clube A. Futebol sempre foi e ainda é até hoje uma paixão na sua vida.

“Comecei a jogar no aspirante. Para jogar no titular só se um colega se machucasse para eu entrar, do contrário, só aspirante. Aí, resolvi não querer jogar mais; quando o presidente do clube me falou para trabalhar lá, abrilhantar os meninos, onde eu peguei dois garotos que hoje já são homens bem sucedidos na vida. Um está na Espanha, o D., e o outro está aqui no Rio mesmo, não sei se já morreu, é o M. Ali fiquei um bocado de tempo até ir para o Clube M.”.

Depois que saiu do A. pensou em voltar para sua cidade por não ter ninguém no Rio, mas o presidente do Clube M. o chamou para morar lá e tomar conta dos meninos. Não iria ganhar ordenado, só o lugar para morar, alimentação e ajuda no que precisasse.

“Aí eu aceitei, onde em 1996 revelei dois garotos, que foram da seleção sub 17, da seleção brasileira. É o L. e o S. Aí continuei minha vida, vendo nos campos garotos que tinham potencial bom e podiam ficar ali no M.

Nesse momento eu não tenho muitas esperanças, com meus 96 anos, eu só posso esperar uma coisa, que é morrer”.

Em relação ao período da sua infância e à família, o idoso AJS relatou:

“Eu não tive infância. Na infância, com 12 anos eu já estava trabalhando. Eu não conheci os meus pais. Um fazendeiro em Juiz de Fora, dizendo que quando meus pais morreram deram a mim pra ele.

Eu trabalhei muito. Às seis horas da manhã tinha que levar boi para o pasto, tirar leite, moer cana, isso foi de 12 até meus 14 anos quando me aborreci, pois não tinha nem pai nem mãe, fugi de lá e vim para o Rio de Janeiro.

Eu não posso dizer nada do Rio, que nesses 80 anos eu vivo bem em qualquer lugar que chego, sou respeitado.

A minha tristeza é família que eu não tenho. Eu não posso dizer que vou sair deste abrigo e ir para casa de parentes, pois não tenho”.

No ano de 2006, teve que sair do Clube M. e ir para o Abrigo, pois apresentava alguns problemas de saúde, e lá não tinha assistência adequada e seu quarto ficava longe da portaria. Se precisasse de alguma ajuda ou socorro, poderia não ter alguém no momento.

Na história de vida relatada buscou-se o enfoque na relação que o idoso estabeleceu com crianças e jovens no futebol, analisando a perspectiva intergeracional realizada na experiência desse idoso com as gerações mais novas.

O contato com os meninos significou uma boa relação segundo o idoso:

“A relação era boa. Eu tinha uma responsabilidade grande. De manhã a categoria juvenil treinava; eu tinha que acordar eles, levar pra tomar café, treinar e voltar. Ao meio dia levar para se vestirem e ir para o colégio. Todos eles me respeitavam. O responsável era eu. Tanto é que eu fiz boas amizades, e algumas duram até hoje.

De 1961 pra cá eu assumi uma responsabilidade para andar no Rio procurando os garotos que se destacavam mais no futebol, onde eu tive êxito. Arrumei ao menos uns 15 jogadores, que hoje estão bem de vida. (O idoso pronunciou os nomes de todos os jogadores). Esses são os meninos que revelei dos 13 aos 22 anos. Mas o resto... não alivia, eu agora na situação que estou internado, não me falta nada aqui graças a Deus, mas me falta o carinho dos meninos, eu brincar, caçar, outra hora quando me faz raiva, eu xingar eles.

Mas ontem, dia 21 deste mês eu tive uma satisfação de ir ao M.; fui lá rever os meninos, só não pude ver o M., pois ele está sendo vendido para Portugal. Eu estive lá com o diretor de futebol, o supervisor, de maneira que minha vida tá muito boa e voltando à infância; aos trancos e barrancos, sofrendo, uma hora tendo alegria, outra, tristeza, mas ninguém me mandava, eu era do meu jeito. Aonde eu cheguei nesse ponto, de ter meus 96 anos, tratando as pessoas bem, também sou bem recebido aonde eu vou, sei respeitar qualquer pessoa, de qualquer idade, não tenho prejuízos. Até hoje tenho lucro. De agora em diante eu não sei, mas daqui eu não saio mais, é só pra morrer mesmo. Mas aqui está sendo bom pra mim também”.

Na troca intergeracional...

“Ensinei os meninos a serem humildes, serem educados, que eles têm que obedecer, e um dia as pessoas que não reconheceram que eles estavam certos, vão saber dar valor.

Aprendi com eles a vaidade de mesmo sendo velho eu ser criança também. Às vezes eles viam uma roupa no meu corpo e não achavam legal, aí falavam para eu botar outra roupa e andava igual a eles, como garoto novo. Eu tenho essa idéia de ser novo; velho dessa maneira, mas tenho a ilusão que sou novo até hoje”.

O idoso relatou uma satisfação muito grande por ter morado e trabalhado nos clubes.

“Ontem o presidente do clube veio me dar um abraço e dizer o que eu o precisasse estava pra me ajudar. Ele não tem reclamação de nenhum garoto que eu apanhei. Hoje os meninos estão dando lucro para o M. Isso é uma alegria danada. Não tenho o que reclamar.

É pra frente que se aprende. A gente tem que ver em quem a gente tem que se espelhar mais. Eu me espelho mais nos jovens. Aprendo alguma coisa. Pra mim tá bom. Jovem pra mim talvez é melhor que os velhos. Os velhos costumam ter uma mentalidade atrasada”.

O idoso tem alguns planos e projetos para realizar no Abrigo, além de pretender continuar saindo algumas vezes na semana para ir ao Clube ficar com os garotos e levar novos meninos para lá.

Depois que foi para o Abrigo retornou uma vez ao Clube M. para visitar:

“Os meninos são os mesmos de antes. Estou quatro meses aqui. Fizeram uma festa pra mim dessa vez que voltei lá. Teve gente que não foi nem para o colégio para ficar conversando comigo, perguntar como que era aqui, por que eu não voltava pra lá; tive que explicar a eles porque, aí eles falavam: ‘por isso é que eu tenho que gostar da minha família’. Se não tiver família, o fim da vida vai ser assim, vai ser colocado num lugar, igual a mim; agora já tenho uma família lá no Abrigo. Para eu sair do Abrigo de vez em quando vai depender da minha saúde. Ontem pra mim foi muito bom”.

Em relação aos seus planos para o Abrigo relatou:

“Estava olhando num campinho no espaço do Abrigo umas crianças; gostaria de ensinar a eles o que é futebol. Disseram que são pessoas que vêm visitar no feriado ou domingo jogar no campinho, mas não pertencem ao Abrigo. Eu desisti de fazer isso”.

Mas o que pretende mesmo é realizar uma atividade interna junto aos outros idosos, e se possível, abrir para que jovens participem também:

“Estou pensando fazer um clube para grupos jogarem sueca e dominó ajeitando alguns senhores de idade para fazer torneio. Se tivesse crianças vindo para alguma atividade gostaria de participar também. Não é nada ruim ensinar o que eu sei às crianças para o bem, para o mal não. Pra mim seria uma alegria, mas aqui não tem como.

Só gostaria de participar dos jogos, dominó ou sueca. Mas aí tem que escolher quem é quem. Na nossa idade, tem que arranjar pessoas que têm memória boa. Eu já tenho uns oito aqui do Abrigo. Vou ver se até novembro eu faço o primeiro torneio com dezesseis idosos. Tenho observado as pessoas, nós temos treinado e eu fico olhando, principalmente o dominó, que precisa de memória boa. Eu tenho dado sorte, todos que eu sou do lado deles nós temos ganhado. No próximo domingo nós vamos fazer o primeiro treino de responsabilidade. Treinamos na sala de jogos ou no pátio mesmo lá fora; tem as mesinhas adequadas para quatro pessoas.

A idéia é fazer campeonato, trazer pessoas de fora para jogar, aqueles que podem sair ir também lá no Clube M. para jogar e no O., que tem torneio.

Quero fazer o clube aqui; talvez sinuca também. Os jovens podem vir e participar juntos. Ensinar os garotos. Isso é importante para os idosos ensinarem os jovens. Falta consentimento da direção. Os idosos vão gostar. Mesmo os que não jogam vão apreciar. Se não aprender para ser campeão, aprende a jogar. Para os idosos melhora porque as pessoas não pensam em coisas ruins, ficam com a mente boa, e passam experiência de vida para os jovens”.

Para terminar, alguns depoimentos do idoso sobre a satisfação no contato com os jovens, a troca intergeracional, considerando o que os idosos podem passar para as gerações mais novas e o que estas trarão de benefícios também para a sua geração.

“Quero o respeito deles e sempre tive respeito com eles. Todos têm respeito demais comigo. Eu estou feliz com isso. De ver as pessoas, os pais também de me tratarem bem. É gratificante para mim. Uma pessoa que não tem parentes, não tem onde cair morto, e ter as pessoas que não são parentes me tratando bem, para mim é uma maravilha. Eu não tenho nada a reclamar da minha vida.

Nós estamos numa época, o que se faz para o bem da pessoa eles têm que de 50 palavras boas, pelo menos 15 eles têm que aproveitar para amanhã serem alguém. Igual na minha época, alguma coisa eu achava que não deveria fazer, mas mais tarde achava que ia fazer para ver se dava certo e cheguei até agora aos meus 96 anos”.

Na história de vida abordada, AJS revelou alguns aspectos negativos da velhice, reproduzidos socialmente, como a espera pela morte, a ausência de família, uma ajuda como último recurso.

No entanto, as contribuições para repensar o processo de envelhecimento, com novas possibilidades, novos projetos e realizações destacam-se e rompem com determinados estereótipos e preconceitos. Além disso, comprova que a troca intergeracional é possível, enriquecedora, e necessária, principalmente diante da realidade explicitada no primeiro capítulo deste trabalho do fenômeno do envelhecimento. Como Goldman (2003) já descreveu sobre as mudanças na pirâmide etária brasileira, com maior participação da população idosa nos últimos anos.

O convívio entre as gerações já ocorre na sociedade, muitas vezes perpassada por inúmeros conflitos e rejeição. Em algumas situações com relações positivas e interesses de ambas as partes (idosos e jovens), mas com menor intensidade.

É preciso que essas relações possam se expandir, permear as relações cotidianas, promover maior interação entre as gerações com respeito às diferenças e interesses específicos, mas com espaços para construções e lutas coletivas.

A presença dos idosos é cada vez maior; a expectativa de vida aponta para maior tempo de vida para os jovens de hoje no futuro, dessa forma, é preciso ver além, lutar hoje por uma sociedade mais justa e digna aos idosos no presente, mas que deixarão o legado aos próximos. E ainda, ter que enfrentar essa sociedade individualista, que valoriza o jovem, a produção e excludente.

Nos relatos do idoso também foi relevante analisar a sua percepção do asilamento, que consegue demonstrar a dualidade de ao mesmo tempo considerar o espaço institucional como o local para fim da vida, o lugar onde não queria estar. Até porque não optou em estar lá, e sim, teve que ir pelas condições de saúde e limitações da velhice. Também, é o lugar onde se sente bem, onde pode viver, onde constrói novas relações, inclusive que vêm a substituir a ausência dos vínculos familiares, e ainda o espaço possível de socialização e realização, através dos jogos com outros idosos e do contato com gerações mais novas.

Essa dualidade como já abordada no capítulo anterior por Debert (1999), ao tratar das facetas negativa e positiva do processo de asilamento, está bem presente nos relatos do idoso. Os aspectos positivos e negativos convivem. Um não exclui o outro.

Em relação aos planos para o Centro de Convivência, o objeto de estudo deste trabalho, o idoso tem muitas expectativas, desejos, planos e vontade de

realizar. Mas já observa e aponta algumas dificuldades cotidianas no âmbito institucional. É possível observar que muitos idosos asilados não expressam suas expectativas, em contrapartida, outros reafirmam seus objetivos e buscam realizá-los, sem perder de vista a importância de continuar tendo projetos independente do período de vida. Mas muitas vezes, inseridos no âmbito institucional, deparam-se com normas, falta de apoio e investimentos, questões burocráticas, que inviabilizam ou dificultam a concretização.

A relevância da história de vida para este trabalho foi, sobretudo, ressaltar a experiência intergeracional através do contato durante anos do idoso com gerações de crianças e jovens, com relações prazerosas e aprendizados, gratificantes para ele, tanto que ainda no espaço institucional, não quer romper com tais relações.

A partir da pesquisa de campo, através das entrevistas com idosos e profissionais, das observações e registros no estágio e relatos de uma história de vida, buscou-se analisar a realidade do CPSACR com enfoque na participação dos residentes no Centro de Convivência, revelando a contribuição desse espaço e de uma proposta para o envelhecimento mais digno, participativo e integrado às outras gerações, bem como dificuldades para sua realização efetiva que refletem a escassez de políticas sociais, ausência de investimentos e atenção à população idosa, assim como desmonte dos direitos sociais a todos os segmentos etários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Antes de mim vieram os velhos,
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aí.
(Péricles Cavalcante/ Arnaldo Antunes)*

O trabalho desenvolvido buscou apresentar um estudo sobre questões significativas acerca do tema escolhido – Centro de Convivência – com base em três eixos principais de análise, citados inicialmente: lazer, participação social e intercâmbio geracional; com vistas à promoção do envelhecimento.

Para tanto, foi de suma relevância abordar o contexto mais amplo do processo de envelhecimento na sociedade contemporânea, acentuado, sobretudo, nos últimos quarenta anos, decorrente da queda das taxas de fecundidade e mortalidade, em virtude das mudanças e conquistas importantes no âmbito do desenvolvimento tecnológico e científico.

Dessa forma, sinalizar a grande contradição desse processo, ao passo que, o aumento da expectativa de vida como conquista fundamental da humanidade depara-se com a realidade de desvalorização social da velhice e escassez de políticas públicas, numa perspectiva universal e integradas, voltadas ao segmento idoso, principalmente nos países em desenvolvimento, e acirrada no contexto neoliberal.

Essa situação distancia-se cada vez mais de um envelhecimento digno e com maior qualidade de vida para muitos idosos.

A análise desta realidade traduz a necessidade e legitimidade de refletir sobre propostas de ação que vislumbrem a possibilidade de uma nova concepção de envelhecimento na sociedade.

O enfoque dado especificamente a um Centro de Convivência, inserido numa instituição de longa permanência, suscitou analisar o processo de asilamento com seus aspectos positivos e negativos para os indivíduos e nas suas relações, bem como, as especificidades dessa realidade no envelhecimento e nas influências sobre a participação dos idosos nas atividades.

O Centro de Convivência, uma alternativa ao asilamento tal como reproduzido socialmente, sob a ótica do abandono, da tristeza e do isolamento social, constitui-se numa tentativa de romper com estigmatizações e preconceitos, e estimular os idosos a não incutirem essas percepções, para que não percam a capacidade de produzirem, de planejarem e buscarem realizar seus projetos de vida.

O mais importante foi destacar o lazer, assegurado enquanto direito social, que deve abarcar a heterogeneidade do envelhecimento em suas múltiplas dimensões; a expectativa de que o Centro de Convivência seja um espaço fomentador de maior participação social; e propicie a integração das gerações, visando uma relação de troca de experiências e convivência mais respeitosa.

Cabe ressaltar que, essas categorias analisadas não foram pensadas isoladamente e devem estar interligadas no atendimento ao idoso.

O presente trabalho objetivou traçar a articulação do debate teórico e perspectivas ideológicas com as experiências concretas no cotidiano do CPSACR, expostas nas percepções dos idosos e profissionais, através das entrevistas e história de vida; das observações em campo e dos registros do diário de campo. Cabe acrescentar que o alcance dos ricos resultados foi imprescindível e contribuiu para ampliar o estudo dos temas abarcados na presente monografia e para reafirmar sua relevância tanto para o trabalho realizado na instituição quanto para o contexto social mais amplo.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa (idosos e profissionais) apontaram, em seus relatos e depoimentos, questões que perpassaram muitas das reflexões sobre o envelhecimento, sistematizadas na dimensão teórica deste trabalho.

E assim, foi possível concluir que, o Centro de Convivência é visto como um espaço de grande potencial para promoção do envelhecimento à medida que conta com belas produções e realizações dos idosos; propicia maior socialização e estabelecimento de novas relações entre os participantes; contribui em diversos aspectos para uma velhice com mais saúde; tem importante papel no estímulo à participação dos idosos, buscando romper com estigmas e preconceitos enraizados.

Mas ainda apresenta muitas limitações para que possa se aproximar da sua idéia central de alternativa para o asilamento na medida em que é, ainda, pouco valorizado; tem recursos e investimentos escassos; conta com uma participação ainda incipiente tanto dos idosos residentes como dos profissionais; não atingiu o envolvimento e integração da comunidade, principalmente numa perspectiva intergeracional; e ausência de um trabalho integrado dos profissionais da instituição para estimular a participação dos idosos.

Diante do exposto, a contribuição da proposta que visa a ruptura com a imagem negativa do envelhecimento, a valorização da velhice, considerando o respeito às experiências de vida e a efetivação dos direitos sociais, vem ampliar o espaço de discussão sobre a temática, que ainda tem sido pouco explorada.

O Serviço Social, como profissão que atua na acessibilidade aos direitos sociais, com vistas à sua universalização e equidade, através da implementação das políticas públicas, tem muito a cooperar na elaboração e implementação de ações integradas que possam garantir um envelhecimento mais digno.

Por considerar que a reflexão sobre a proposta interdisciplinar não pode estar desvinculada do espaço analisado, visto que a velhice é multifacetada e vários

profissionais voltam-se para esta realidade com seus saberes específicos, considera-se que esta é uma reflexão a ser provocada. A pesquisa não deu conta de aprofundá-la; apenas apontou alguns estudos e mostrou essa necessidade, a partir de alguns dados obtidos na realidade.

Outras limitações para construção do trabalho remetem à produção bibliográfica sobre os Centros de Convivência ser bastante reduzida e, portanto, a análise comparativa das demais produções com os resultados da presente monografia poderia ser mais rica e aprofundada.

E ainda, sugere-se para estudos posteriores, visto que o enfoque deste trabalho era na população residente, delimitar o perfil da comunidade em torno do Abrigo e que participa das atividades, bem como, analisar suas percepções acerca do Centro de Convivência.

Por fim, o trabalho aqui apresentado se propõe a trazer contribuições iniciais para o debate acerca dos Centros de Convivência, tema atual e de grande relevância e fica aberto a críticas e sugestões para que a pesquisa possa seguir um rumo de ampliação e aprofundamento, que viabilize não só o debate acadêmico, mas que se expanda para ações efetivas que conduzam a uma cidadania de fato e de direito e não uma cidadania de discurso, não só para o segmento idoso, mas para todas as gerações. Afinal, o processo de envelhecimento diz respeito a toda a sociedade. No entanto, cabe ressaltar que a responsabilidade por políticas eficazes que propiciem melhores condições de sobrevivência e uma vida digna deve ser inteiramente do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fabiana Souza de. **Idosos em instituições asilares e suas representações sobre família**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Programa de Pós-graduação. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Março, 2005.

ALVES, Edmundo de Drummond. *Envelhecer no Século 21*. Revista SESC Rio, Rio de Janeiro, ano 6, nº 70, p. 56, set. 2006.

AMMANN, S.B. Participação Social. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. *Envelhecimento Populacional: Uma conquista para ser celebrada.* In **Serviço Social e Sociedade**, nº 75, ano XXIV, 2003. Editora Cortez.

BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.

BRASIL. ESTATUTO DO IDOSO – Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003.

BRASIL. POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – Resolução nº 145, de 15 de Outubro de 2004.

BRASIL. POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO – Lei nº 8.842, de 1994.

BRASIL. RENADI: Construindo a Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome, Brasília, 15 de agosto de 2005.

BRUNO, Marta Regina Pastor. *Cidadania não tem idade.* In **Serviço Social e Sociedade**, nº 75, ano XXIV, 2003, Velhice e Envelhecimento, Editora Cortez SP.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant et al. *Programas e serviços de proteção e inclusão social dos idosos.* São Paulo: IEE/PUC-SP; Brasília: Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1998.

COIMBRA, Marcos Antônio. *Abordagens Teóricas ao Estudo das Políticas Sociais.* In COIMBRA, M. e et al. **Política Social e Combate à pobreza.** Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Democracia e socialismo**. São Paulo: Cortez Editora / Editora Autores Associados, 1992.

_____. *Notas sobre cidadania e modernidade*. In **Praia Vermelha**. V. 1, nº 1, 1º Sem., Rio de Janeiro: ESS/UFRJ, pp. 145-166, 1997.

FRANÇA, Lucia Helena; **SOARES**, Neusa Eiras. *A Importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos sobre a velhice*. In: VERAS, Renato Peixoto. (org). **Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio**. 1997 Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UnATI-UERJ, 1997. p.143-169.

FREITAS, Elizabete Viana. *Demografia e epidemiologia do envelhecimento*. In **Tempo de Envelhecer : Percursos e dimensões psicossociais**. Ligia Py et.al. (org.) Rio de Janeiro, Nau Editora, 2004 (p.19-38)

FREITAS, Polyana de; **JORGE**, Marília Magri. **Auto Imagem na Terceira Idade e Segregação Asilar**. Projeto de TCC, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 2ª ed. Editora Perspectiva. São Paulo, 1987.

GOLDMAN, Sara Nigri. *As dimensões sócio-políticas do envelhecimento*. In **Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. Ligia Py et.al.(org.) Rio de Janeiro Nau Editora, 2004 (p.61-82)

GOLDMAN, Sara Nigri. **Universidade para Terceira Idade: uma lição de Cidadania**. Olinda. Elógica, 2003.

GOLDMAN, Sara Nigri. *Velhice e Direitos Sociais*. In **PAZ**, Serafim Fortes et al., ARNAUT, Therezinha (org.) **Envelhecer com cidadania: Quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/ Seção Rio de Janeiro, 2000, p. 13-42.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Tradução de Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

- MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade.** 21ª ed. – Petrópolis, Vozes, 2002.
- NETTO, José Paulo, 1947. Capitalismo monopolista e serviço social/** ed ampliada – São Paulo, Cortez, 2001.
- NOVAES, Maria Helena. Compromisso ou alienação frente ao próximo século.** 1ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 1999, p.189.
- NOVAES, Maria Helena. Conquistas possíveis e rupturas necessárias: psicologia da terceira idade.** 1ª ed. Paulo de Frontin, RJ: Grypho, 1995, p.126.
- NUNES, Alzira Tereza Garcia Lobato. Serviço social e universidade de terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos.** In **Textos Envelhecimento** v.3, n.5, Rio de Janeiro, 2001, UnATI.
- PACHECO, Jaime Lisandro. As Universidades Abertas à Terceira Idade como Espaços de Convivência entre Gerações.** In **As múltiplas Faces da Velhice no Brasil.** SP, Editora Alínea, 2003.
- PAZ, Serafim Fortes. Espelho...Espelho meu! Ou das imagens que povoam o imaginário social sobre a velhice e o idoso.** In PAZ, Serafim Fortes et al., ARNAUT, Therezinha (org.) **Envelhecer com cidadania: Quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/ Seção Rio de Janeiro, 2000, p.43-84.
- PAZ, Serafim Fortes. Movimentos Sociais: participação dos idosos.** In **Tempo de Envelhecer : Percursos e dimensões psicossociais.** Ligia Py et.al.(org.) Rio de Janeiro Nau Editora, 2004 (p. 229-256).
- PEREIRA, Potyara A. Política de Assistência Social: avanços e retrocessos.** In: **Cadernos do CEAM**, nº 11, Brasília: CEAM/UnB, 2002.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: Do “Indivisível” ao “Divisível”.** In Von Simson (org.). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália – Brasil) SP: Vértice, Editora. Ver. Tribunais, 1988.

REIS, Nelba e **SOARES**, Themis. *Texto sobre Lazer*. Agosto, 2006.

Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd99/lazer.htm> Acesso em: 8/10/2006.

RIBEIRO, Bruna Caroline Duarte. *O Percurso do Lazer*. In **Lazer e Velhice: Escrevendo a vida e a Terceira Idade**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRJ, Rio de Janeiro, 2004, cap. 2.

RIZZINI, Irma; **CASTRO**, Monica Rabello de. **SARTOR**, Carla Daniel. **Pesquisando ... guia de metodologias de pesquisa para programas sociais**. Rio de Janeiro : USU Ed. Universitária/CESPI/USU, 1999. 147 p. (Série Banco de Dados, 6).

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade*. In SEVERINO, Antônio Joaquim [et.al.]; SÁ, Jeanete Liasch Martins de (org.) **Serviço Social e Interdisciplinaridade: Dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão/** São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Sidney Dutra da. *A implantação de um centro de convivência para pessoas idosas: um manual para profissionais e comunidades.*/ Sidney Dutra da Silva.- Rio de Janeiro: CRDE UnATI UERJ, 2003. Série Livros Eletrônicos. Programas de Atenção à Idosos.

SILVEIRA, Teresinha Mello da. *Convívio de gerações: ampliando possibilidades*. In **Textos sobre Envelhecimento**. ISSN 1517-5928, versão impressa, v.4 n.8, Rio de Janeiro, 2002.

TRUJILLO, Alfonso Ferrari. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982. Cap. 10.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

YASBEK, Maria Carmelita. *Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade.* In **Capacitação em Serviço Social e Política Social:** Módulo IV, Brasília, CEAD, 1999.

SITE PESQUISADO:

Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2004/notatecnica.pdf> Acesso em: 9/9/2006

ANEXO 1 – Roteiro para entrevistas com idosos que participam de atividades no Centro de Convivência do CPSACR

Data da entrevista: _____

1. Identificação

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Pavilhão: _____

Escolaridade: _____

Admissão na instituição: _____

2. Participação nas atividades

Atividade(s) que participa no Centro de Convivência:

Leitura		Oficina da memória		Sabonete	
Cinema		Jornal do Abrigo		Bijouteria	
Palestras		Participação Social		Pintura c/ molde	
Passeios		Música		Fuxico	
Pescaria		Dança Sênior		Crochê	
Festas		Papel reciclado		Tapeçaria	
Jogos		Cartonagem		Estimulação	
Bingo		Cestaria		Arte/Teatro	

Atividade de maior interesse: _____

Tempo que participa de atividades no Centro de Convivência por semana:

Número de atividades que participa: _____

Por que começou a participar de atividades no Centro de Convivência?

Que contribuições/benefícios as atividades de lazer e culturais trazem para sua vida?

O que falta para o Centro de Convivência ser melhor e promover um envelhecimento mais ativo e saudável?

3. Relacionamento/ Interação

Como é sua convivência neste espaço:

- com os profissionais? _____
- com os outros idosos? _____
- com os voluntários? _____

O que acha da realização de atividades neste espaço integrando diferentes gerações (crianças, adolescentes, adultos e idosos)? Gostaria de participar? Por quê?

Deixe algum depoimento sobre o Centro de Convivência e sua história no Abrigo:

ANEXO 2 – Roteiro para entrevistas com profissionais do CPSACR que realizam
atividades no Centro de Convivência

Data da entrevista: _____

1. Identificação

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Formação: _____

Tempo de vínculo na instituição: _____

2. Realização das atividades

Atividade(s) que realiza e co-participa no Centro de Convivência:

Leitura		Oficina da memória		Sabonete	
Cinema		Jornal do Abrigo		Bijouteria	
Palestras		Participação Social		Pintura	
Passeios		Música		Fuxico	
Pescaria		Dança Sênior		Crochê	
Festas		Papel reciclado		Emborrachado	
Jogos		Cartonagem		Estimulação	
Bingo		Cestaria		Arte/ Dramatização	

Tempo que realiza atividades no Centro de Convivência por semana: _____

Número de atividades que realiza: _____

Por que começou a realizar atividades no Centro de Convivência? Desde quando?

Que contribuições/benefícios considera que as atividades de lazer e culturais trazem para a vida dos idosos asilados?

Quais as maiores dificuldades/problemas para a realização de um bom trabalho no Centro de Convivência, considerando a proposta de promoção do envelhecimento ativo e saudável e alternativa ao asilamento?

Então, aponte algumas sugestões para melhoria e enriquecimento do trabalho desenvolvido?

3. Relacionamento/ Interação

Como é sua convivência neste espaço:

- com os outros profissionais? _____
- com os idosos? _____
- com os voluntários? _____

O que acha da realização de atividades neste espaço integrando diferentes gerações (crianças, adolescentes, adultos e idosos)? Gostaria de participar da elaboração e execução? Por quê?

Registre alguma experiência concreta que tenha vivenciado no Centro de Convivência, que confirme sua proposta de garantir um envelhecimento mais ativo, autônomo, com maior participação e integração dos idosos:

Deixe algum depoimento sobre o Centro de Convivência e sua história no Abrigo:

ANEXO 3 – Termo de Consentimento para exibição da imagem



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Serviço Social**

Livre e Esclarecido

Voce esta sendo convidado para participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da UFRJ/2006: “Centro de Convivência em Foco: Uma proposta de Promoção do Envelhecimento através do Lazer, da Participação Social e do Intercâmbio Geracional”, orientado pela profª Dra. Sara Nigri Goldman. Você foi selecionado, como participante das atividades do Centro de Convivência, para que sua imagem seja exposta nas fotos selecionadas para este trabalho; e sua participação não é obrigatória.

O principal objetivo deste estudo é analisar o Centro de Convivência do CPSACR a partir da proposta de promoção do envelhecimento, atividades de lazer e integração das gerações.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em autorizar a utilização de fotos em grupos, tiradas no espaço da instituição, especificamente no Centro de Convivência, onde apareça sua imagem, no intuito de enriquecer este trabalho acadêmico e contribuir para a valorização do envelhecimento.

A sua participação não lhe coloca em nenhum risco.

As fotos farão parte do trabalho, que será apresentado no âmbito acadêmico, e fará parte das produções da instituição CPSACR.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o trabalho e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Raquel Fabiano Póvoa
Tel.: 3979-9252

Nome e assinatura do pesquisador

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e concordo em participar, autorizando a exposição da minha imagem nas fotos deste trabalho.

Sujeito da pesquisa

ANEXO 4 – Fotos dos idosos e profissionais no Centro de Convivência

Foto 1



**Idosos na Seresta tocando instrumentos
2005**

Foto 2



**Apresentação Musical dos Idosos para crianças
Set/2005**

Foto 3



Crianças cantando junto com idosos no palco do Centro de Convivência – Set/2005

Foto 4



Atividades com Grupo de idosos na Oficina da Memória – 2004

Foto 5



Atividade de Dança com Grupo de idosos – 2004

Foto 6



Idosos em atividade na Oficina de Estimulação

Foto 7



Junina do

CPSACR

Foto 8



Idosos em atividades no Salão de Jogos

Foto 9



Funcionária do Centro de Convivência na Barraquinha de Exposição e Venda dos produtos confeccionados pelos idosos no Centro de Convivência – 2006

Foto 10



Idosos, Assistente Social e Estagiária na finalização da II Oficina de Participação Social e Cidadania - Julho/2006